

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DA GUINÉ
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS
CURSO DE CIÊNCIAS DO MAR E DO AMBIENTE

**Práticas de pesca de mangal através de uma perspetiva histórica
na região de Tombali, Guiné-Bissau**

NÉLIO BUOTA

ORIENTADOR:

Doutorando Pieter-Jan Keleman

Bissau

2023

Nélio Buota

**Práticas de pesca de mangal através de uma perspectiva histórica
na região de Tombali, Guiné-Bissau**

Monografia apresentada à Universidade
Lusófona da Guiné como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura em Ciências
do Mar e do Ambiente na Especialidade de
Oceanografia e Recursos Marinhos

ORIENTADOR:

Doutorando Pieter-Jan Keleman

Bissau

2023

Nélio Buota

**Práticas de pesca de mangal através de uma perspectiva histórica
na região de Tombali, Guiné-Bissau**

Monografia apresentada à Universidade
Lusófona da Guiné como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura em Ciências
do Mar e do Ambiente na Especialidade de
Oceanografia e Recursos Marinhos

ORIENTADOR:

Doutorando Pieter-Jan Keleman

Data de defesa: ____ / ____ / ____

Banca examinadora

Presidente de júri e Arguente Interno

Arguente Externo

Dedico esta Conquista aos meus pais, irmãos, tios, colegas e a minha namorada, pelo incentivo e paciência, vocês foram fundamentais e importantíssimo nesta caminhada. Enfim muitíssimo obrigado!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar saúde, energia, fé, sabedoria, paz, persistência e muita dedicação desde o início da minha formação até o presente momento. Sem ele seria impossível.

À minha mãe Biningada Braia, que mesmo não tendo nada para me apoiar nos meus estudos, mas teve papel importante no meu processo educativo e nunca deixou de deixar os seus encorajamentos, incentivos e carinhos.

Aos meus familiares queridos, irmãos e tios, Inácio Sanha, José Sanha, Marcelino Tangatna e em especial Liel Adilson José Mendes e outros, dirijo os meus agradecimentos pelos seus apoios, paciência, compreensão e carinho.

Agradeço os meus queridos professores, pelos seus incentivos e aprendizados durante o curso, que desde a minha integração na universidade sempre proporcionaram o melhor ensinamento possível e preciso para alavancar e me tornar um futuro profissional de qualidade e o meu profundo agradecimento à União Europeia pelo o apoia financeira e o projeto Malmon. Agradeço a minha instituição Universidade Lusófona Da Guiné (ULG), e a todos que fazem a ser uma referência no ensino de grande qualidade. A todos o meu muitíssimo obrigado!

Especialmente agradeço o meu orientador. Dourando Pieter-Jan Keleman e profa. Ph.D. Marina Padrão Temudo, pela orientação, por assumir o papel de guia académico, trabalhando com muita paciência, dedicação, esforço e persistência para poder me tornar um grande académico.

Aos meus colegas de turma e amigos, em especial Sene Cabi, Bidé Colda e outros, que participaram de tantos momentos importantes desse trabalho, que também desempenharam um papel fundamental durante o meu percurso académico, partilhando sempre os momentos bons e ruins comigo.

À minha namorada Beatriz Nhanque, dirijo os meus agradecimentos, pela paciência, apoio, carinho e parceria nos diferentes momentos da realização deste trabalho, por ser o lugar de refúgio para as minhas dificuldades e por partilhar momentos bons e ruins durante o meu percurso estudantil.

Aos membros da Banca examinadora, dirijo os meus agradecimentos pelas contribuições que certamente enriqueceram esta versão final.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta etapa decisiva da minha vida.

RESUMO

A pesca artesanal desempenha um papel crucial na Guiné-Bissau. Uma parte considerável da população guineense depende dela como fonte de renda, além de ser fundamental para a subsistência familiar e para a economia do país. Este estudo se concentra na evolução e na caracterização da pesca feita pelos homens nas aldeias de Cafine, Cafal, Catesse e Ilhéu do Melo, na região de Tombali, Guiné-Bissau, com uma abordagem histórica. Utilizando um método misto combinado de dados quantitativos e qualitativos, incluindo observação participativa, entrevistas semiestruturadas e questionários, foi possível notar diferenças na especialização da pesca entre as aldeias. Ilhéu do Melo e Catesse mostram uma especialização maior em comparação com Cafine/Cafal. Além disso, foram identificadas espécies predominantes nessas áreas, como Bentana, Tainha, Djoto, Djafal, Barbo, Becuda, Bagre e Cacandja. Houve mudanças na quantidade de algumas espécies ao longo do tempo, como Bentana, Tainha, Djoto, Djafal, Barbo, Becuda, Curbina, Corcor, Cassapai, Caudo, Cacandja e Bica. Quanto aos rendimentos, os pescadores de Catesse têm, em média, os rendimentos mais altos por semana (87.000 CEFA). Por outro lado, Cafal apresenta também uma média mais alta de rendimentos por semana com mal rendimento (45.000 CEFA) em comparação com as outras aldeias. Algumas espécies desapareceram, como Peixe-espada, Tubarão, Bentana de mar fora, Caudo, Cassapai e Peixe berga. Muitos pescadores afirmaram que essas espécies desapareceram recentemente. Quanto às razões para o desaparecimento, a maioria dos pescadores em todas as aldeias não pode apontar uma razão específica, mas mencionaram a pesca descontrolada, o barulho de canoas a motor, a pesca industrial, a pesca abusiva, o grande número de pescadores estrangeiros, a falta de alimento para os peixes e o derramamento de óleo diesel nos rios e mares. Essa situação impacta não apenas a economia local, mas também a vida das comunidades dependentes da pesca artesanal, especialmente as famílias costeiras carentes que encontram no emprego informal ligado à pesca uma fonte crucial de sustento. A introdução da pesca dos homens Balantas, não tradicional na região, adquirida de pescadores estrangeiros, complica ainda mais o cenário. Portanto, há uma teia complexa em torno da pesca nessas aldeias, especialmente no mangal. É crucial estudar a pesca nesse contexto histórico para contribuir para um planejamento futuro que promova o dinamismo socioeconómico e beneficie toda a população nacional.

Palavras-chave: Pesca de mangal—História ambiental—Balantas—Conhecimento Ecológico Local—Guiné-Bissau

ABSTRACT

Artisanal fishing plays a crucial role in Guinea-Bissau. A considerable part of the Guinean population depends on it as a source of income, in addition to being fundamental for family subsistence and the country's economy. This study focuses on the evolution and characterization of fishing done by men in the villages of Cafine, Cafal, Catesse and Ilhéu do Melo, in the Tombali region, Guinea-Bissau, with a historical approach. Using a mixed method of quantitative and qualitative data, including participatory observation, semi-structured interviews, and questionnaires, it was possible to notice differences in fishing specialization between villages. Ilhéu do Melo and Catesse show greater specialization compared to Cafine/Cafal. Furthermore, predominant species were identified in these areas, such as Bentana, Mullet, Djoto, Djafal, Barbo, Becuda, Bagre and Cacandja. There were changes in the number of some species over time, such as Bentana, Mullet, Djoto, Djafal, Barbo, Becuda, Curbina, Corcor, Cassapai, Caudo, Cacandja and Bica. As for income, Catesse fishermen have, on average, the highest income per week (87,000 CEFA). On the other hand, Cafal also has a higher average income per week with poor income (45,000 CEFA) compared to the other villages. Some species disappeared, such as Swordfish, Shark, Bentana de mar fora, Cassapai and Peixe berga. Many fishermen claimed that these species have recently disappeared. As for the reasons for the disappearance, most fishermen in all villages could not point to a specific reason, but they mentioned uncontrolled fishing, the noise of motor canoes, industrial fishing, abusive fishing, the large number of foreign fishermen, the lack of food for fish and the spillage of diesel oil into rivers and seas. This situation impacts not only the local economy, but also the lives of communities dependent on artisanal fishing, especially coastal families who find informal employment linked to fishing a crucial source of livelihood. The introduction of Balantas men's fishing, which is non-traditional in the region, acquired from foreign fishermen, further complicates the situation. So, there is a complex web around fishing in these villages, especially in the mangroves. It is crucial to study fishing in this historical context to contribute to future planning that promotes socio-economic dynamism and benefits the entire national population.

Keywords: Mangrove Fishing—Environmental history—Balantas—Local Ecological Knowledge—Guinea-Bissau

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau com as aldeias (Cafale, Cafine, Catesse, Ilhéu do Melo) indicadas na região de Tombali.....	24
Figura 2: Regras de pesca do Parque Nacional Cantanhez (PNC), região de Tombali, Guiné-Bissau ..	25
Figura 3: Espécies-alvo	31
Figura 4: Rendimento (bom/mau) numa semana por aldeia.....	32
Figura 5: Capital para comprar o material de pesca.....	33
Figura 6: Espécies predominantes	34
Figura 7: Mudanças na quantidade do pescado	35
Figura 8: Espécies desaparecidas.....	36
Figura 9: Ano de desaparecimento	37
Figura 10: Razões de desaparecimento	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:Repartição das capturas por categoria de pesca.....	21
Tabela 2: A pesca das mulheres.....	28
Tabela 3: A pesca dos homens	29

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 PROBLEMÁTICA	14
1.4.1 OBJETIVO GERAL	15
1.4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
1.5 HIPÓTESES	16
2. REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1 AS PRINCIPAIS ETNIAS	17
2.1.1 NALUS	17
2.1.2 BALANTAS	18
2.2 DEFINIÇÃO DA PESCA ARTESANAL	19
2.3 O SECTOR DA PESCA ARTESANAL NA GUINÉ-BISSAU	20
2.5 RESPOSTAS POLÍTICAS NACIONAIS	22
2.6 PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DE PESCA ARTESANAL (CACINE)	23
3. METODOLOGIA	24
3.1 ÁREA DE ESTUDO	24
3.2 MÉTODO MISTO	26
3.2.1 DADOS QUALITATIVOS	26
3.2.2. DADOS QUANTITATIVOS	26
3.3 OS INQUIRIDOS	27
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	27
4. RESULTADOS	28
4.1 LEVANTAMENTO DAS ATIVIDADES DE PESCA NOS AGREGADOS FAMILIARES	28
4.1.1 MULHERES	28
4.1.2. HOMENS	29
4.2. A PESCA MASCULINA	31
4.2.1. ESPÉCIES-ALVO	31
4.2.2. RENDIMENTO POR SEMANA	32
4.2.3. CAPITAL PARA COMPRAR O MATERIAL DE PESCA	33
4.2. MUDANÇAS NA BIODIVERSIDADE	34
4.2.1. ESPÉCIES PREDOMINANTES	34
4.2.2. MUDANÇAS NA QUANTIDADE DO PESCADO	35
4.2.3. ESPÉCIES DESAPARECIDAS	36
4.2.4. ANO DE DESAPARECIMENTO	37
4.2.4. RAZÕES	38

5. DISCUSSÃO	39
5.1 HISTÓRIA DA PESCA NA REGIÃO DE TOMBALI	39
5.2A PESCA DAS MULHERES	41
5.3 A PESCA DOS HOMENS	41
6. CONCLUSÃO	44
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
8. ANEXOS	48
8.1 QUESTIONÁRIOS	48
8.1.1. PERGUNTAS SOBRE A HISTÓRIA DO ILHÉU DE MELO	48
8.1.2. QUESTIONÁRIO DE FOGÃO	49
8.1.3. QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL (PESCA MASCULINA)	50
8.2 FOTOS DO TRABALHO NO TERRENO	51

1. INTRODUÇÃO

As águas costeiras da Guiné-Bissau ocupam uma posição única como região de pesca ao longo da costa ocidental de África, devido aos rios sinuosos do país que abrigam mangais importantes para espécies piscícolas. No caso específico da pesca, o País apresenta uma característica peculiar por possuir uma das áreas mais ricas da costa ocidental da África, em termos de biodiversidade e produtividade biológica, típica das regiões tropicais (REBERT, 1979; TÉ, 2005 apud SÁ, 2017). A exploração historicamente limitada dos recursos aquáticos associados aos mangais por parte das comunidades locais atraiu pescadores estrangeiros para o país, uma vez que essa diversidade única de peixes era explorada de forma excessiva noutras regiões de África. Esta interação entre pescadores estrangeiros e cultivadores de arroz nos mangais locais tornou a pesca uma atividade económica importante para homens de certos grupos étnicos que habitam as áreas costeiras, especialmente após o impacto das alterações climáticas na produção de arroz. Segundo Ine (2013) apud Sá (2017), na República da Guiné-Bissau, a pesca artesanal e a agricultura são dois setores que se revestem de crucial importância para o desenvolvimento sócio económico do País, uma vez que juntos representam mais de 40% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Mais recentemente, projetos estrangeiros também têm proporcionado um mercado para a venda de peixe local, enquanto distribuem certos materiais de pesca e gelo para preservação. No entanto, o sector da pesca artesanal na Guiné-Bissau enfrenta atualmente grandes desafios, uma vez que os recursos aquáticos dos mangais estão a diminuir rapidamente. Isto tem um grande impacto nas comunidades rurais, que mudaram as suas estratégias de subsistência e não têm outra opção senão depender dos serviços do ecossistema dos mangais para sustentar as suas famílias. Apesar destes desafios, o conhecimento local, a experiência das comunidades locais e as práticas de pesca continuam a ser ativos valiosos para a conservação e a viabilidade a longo prazo das pescas artesanais no mangal. Esforços para apoiar e capacitar estas comunidades, através de estratégias de gestão eficazes e práticas sustentáveis, são essenciais para garantir o bem-estar contínuo dos ecossistemas e das pessoas que dependem desta atividade. Para contribuir para isto, são necessários estudos científicos que se aproximem do nível da aldeia para melhor compreender o que as comunidades locais enfrentam hoje e para reconhecer os pescadores como importantes fontes de conhecimento.

1.2 Justificativa

A importância da conservação inclusiva da vegetação de mangal e dos peixes associados por parte das comunidades não pode ser subestimada no âmbito dos objetivos de desenvolvimento sustentável. Segundo Sá (2017), tem-se verificado um declínio progressivo dos estoques de peixes no País, sem falar da degradação dos *habitats*, o que indica uma necessidade urgente de políticas de gestão que possam integrar a exploração racional de recursos pesqueiros e a conservação do meio ambiente marinho. Abrangendo uma multiplicidade de benefícios, esta abordagem não apenas protege ecossistemas vitais, mas também promove o bem-estar socioeconómico. Ao envolver as comunidades locais, cujas vidas estão intimamente ligadas a esses ambientes, os esforços de conservação obtêm percepções valiosas e conhecimento local que aprimoram a sua eficácia. A preservação dos mangais e das populações de peixes alinha-se perfeitamente com diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), como o Objetivo 14 (Vida na Água), assegurando a saúde da vida marinha e dos ecossistemas, e o Objetivo 1 (Erradicar a Pobreza) através do fornecimento de meios de subsistência sustentáveis para as comunidades dependentes da pesca. Adicionalmente, o Objetivo 2 (Fome Zero) é promovido através da manutenção de stocks de peixes que funcionam como fonte de alimento crucial, enquanto o Objetivo 15 (Vida Terrestre) é reforçado, dado que mangais saudáveis contribuem para a biodiversidade aquática e mitigam os impactos das mudanças climáticas. A conservação inclusiva também reforça o Objetivo 10 (Reduzir as Desigualdades) ao capacitar comunidades marginalizadas e facilitar a igualdade de género, assegurando que os benefícios da preservação sejam distribuídos de forma equitativa. Assim, a conservação do mangal e dos peixes orientada pela comunidade constitui uma pedra angular para alcançar um equilíbrio harmonioso entre a sustentabilidade ambiental e a prosperidade humana, conforme delineado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

1.3 Problemática

Os estudos científicos que se centram no contexto histórico da pesca nos mangais e ao nível das aldeias são escassos na Guiné-Bissau. Isto significa que informações importantes que descrevem as práticas de pesca contemporâneas não são suficientemente compreendidas. No Sul do país, a região de Tombali, é uma zona importante onde a etnia Balanta domina atualmente. Segundo Nóbrega (2003), os Balantas, a partir do século XIX, migraram numa forma gradual para as terras férteis do Sul, tornando-se majoritários nos sectores de Tite, Catió e Bedanda. Este estudo, portanto, concentra-se principalmente nesta zona e nas práticas de pesca de mangal dos Balantas como um estudo de caso numa perspetiva histórica. Além disso, este trabalho segue uma abordagem de género relativa à pesca de mangal, através da qual a pesca masculina entre aldeias específicas é comparada.

1.4.1 Objetivo geral

Estudar a evolução da pesca artesanal e caracterizar a pesca masculina em Cubucaré, região de Tombali, Guiné-Bissau

1.4.2. Objetivos específicos

- Investigar as evoluções da pesca artesanal no Ilhéu de Melo e nas aldeias de Catesse, Cafine e Cafale situadas no Parque Nacional Cantanhez (PNC);
- Entender a percepção dos habitantes das aldeias sobre a pesca artesanal, convivência com pescadores estrangeiros e a sua evolução;
- Distinguir termos de género as práticas de pesca de mangal nos agregadores familiares das aldeias de estudo;
- Caracterizar as diferenças na pesca masculina entre aldeias;
- Capturar as percepções locais em torno das dificuldades e ameaças dos recursos aquáticos

1.5 Hipóteses

1. A pesca masculina Balanta não era tradicional e os estrangeiros influenciaram o sector da pesca artesanal;
2. A convivência com pescadores estrangeiros teve consequências positivas e negativas para a população local;
3. A pesca artesanal é a atividade económica atualmente mais importante nas aldeias;
4. A adoção da pesca masculina entre os Balantas teve consequências positivas na economia, dieta alimentar e bem-estar das famílias;
5. As práticas de pesca são agora altamente diversificadas e é necessária uma gestão local inclusiva mais específica para fortalecer a pesca de mangal

2. Revisão da literatura

2.1 As principais etnias

2.1.1 Nalus

Nos primeiros relatos dos navegadores portugueses, os Nalus são mencionados como os habitantes na zona Sul da Guiné-Bissau que hoje constitui a região de Tombali (TEMUDO, 2009). Como é referido, os primeiros habitantes da península de Cubucaré, bem como de toda a província de sul (Tombali), foram os Nalus, razão pela qual esta região é vulgarmente conhecida por “chão Nalu” (TEMUDO, 2009).

Nalus não são muito importantes do ponto de vista demográfico, de facto, os Nalus são apenas 8 728 indivíduos, na sua quase totalidade (7555) concentrados nas ilhas e no extremo sul da região de Tombali (NOBREGA, 2003 p. 110). Segundo Rogado Quintino apud Nobrega (2003), a tradição local refere que os Nalus provieram do Futa na fronteira entre a Guiné e a Serra Leoa perto do oceano atlântico, e que no séc. XV já se encontravam nas regiões de Tombali que ainda ocupam. Com passar do tempo, a região de Tombali começou a ser invadida pela etnia Fula, o que obrigou os Nalus que não foram feitos cativos a refugiarem-se, a pouco e pouco, nas ilhas de Como e Melo (CARVALHO, 1949 apud TEMUDO, 2009, p. 241).

Na mesma linha de raciocínio segundo Carvalho apud Temudo (2009, p. 241), pouco antes do fim das chamadas “campanhas de pacificação”, os Nalus estavam preocupados com a crescente ameaça que representava a etnia fula. A quem mais tarde os portugueses, agradecidos pelo apoio militar prestados, irão mesmo entregar parte do território Nalu de Cubucaré. Carvalho apud Temudo (2009), também demonstrou que nas primeiras décadas de 1900, ocorreram vagas sucessivas de imigração de outras etnias, das quais a primeira terá sido os Sossos, oriunda então da Guiné Francesa e movida inicialmente por fins comerciais. A qual irá contribuir de forma decisiva para a islamização voluntária dos Nalus e para o desenvolvimento da fruticultura. Segundo Nobrega (2003), a etnia Fula converteu os Nalus que permaneceram nas áreas continentais, mas não teve qualquer efeito sobre um número substancial que se refugiou nas ilhas de Como e Melo.

Ainda os Nalus sendo convertidos para religiões muçulmanas, mas também continuaram nas suas crenças nos espíritos (*iras*), segundo abordou Temudo (2009), todos os povos da região partilham um conjunto de crenças, segundo as quais o território de Cubucaré é povoado por espíritos (*iras*) cujo mundo se encontra organizado à semelhança do humano. Em termos de estrutura de poder, também falou Temudo (2009), que o mundo das *iras* está dividido como um país em diversas regiões, chefiadas por um “dono do chão”, que atua em

colaboração com outros *iras* “donos dos matos”, “donos dos rios”, “donos dos animais - selvagens”, e que possui as suas “sentinelas” situadas em pontos estratégicos. As fronteiras entre estas subdivisões estão claramente definidas por rios, árvores, acidentes naturais ou pedras (TEMUDO, 2009).

No que diz respeito às suas tradições, de acordo com Temudo (2009), qualquer grupo doméstico (*morança*) que se instale na região têm direito de acesso a uma parcela de terreno suficientemente grande para assegurar o sustento dos seus membros. Continuando Temudo (2009) demonstrou que a partir do momento em que o terreno é atribuído, o seu detentor possui os direitos de usar e de fruir. O direito de dispor aplica-se exclusivamente à transmissão aos seus descendentes. Quando, pelo contrário, a transmissão vai ocorrer para fora da *morança* à qual o terreno foi concedido, o seu chefe deverá apresentar o futuro beneficiário aos “donos do chão”, que de novo procederão aos rituais destinados a averiguar a aceitação do requerente pelo *ira* “dono do chão”. Só as benfeitorias permanentes permitem a transmissão por venda, dado que a terra não é considerada uma mercadoria e o preço de venda é calculado em função dos investimentos permanentes (como diques e palmares) realizados.

2.1.2 Balantas

O nome Balanta (que significa os que refutam) foi atribuído pelos Bmindes (Mandigas) por volta do século XV. Segundo Temudo (2009), a etnia Balanta – vinda do Norte à procura de terrenos de cultivo de arroz – começou a instalar-se em Cubucaré no início dos anos 20 do século passado, tornando-se majoritária a partir do ano 1949. Balanta Nhacra está localizado na margem esquerda do rio Mansoa. Segundo Rith (2013), os Balantas concentram-se na zona sul do país concretamente na região de Tombali que possui quatro grandes setores (Catió “Capital”, Cacine, Bedanda e Quebo), com a maior parte da população Balanta porque eles emigram de norte para Oeste e de Oeste para o Sul. A importância dos Balantas segundo Carreira apud Temudo (2009, p. 241), referindo-se a toda a região de Tombali, foi determinante no “povoamento em massa de uma região até aí com população rarefeita (e em alguns pontos até desabitada)”. Segundo Temudo (2009), após a independência, muitas das povoações não Balantas (as Balantas estão geralmente localizadas próximo dos campos de arroz nas margens dos rios) destruídos durante a guerra deslocaram-se para a beirada das estradas. A migração dos Balantas para Tombali – em parte apoiada por concessionários de terra (*ponteiros*) – teve como consequência imediata um aumento

extraordinário da produção de arroz da colônia, que obrigou mesmo à criação da circunscrição civil de Catió (CARREIRA apud TEMUDO, 2009).

Após a independência, em 1974, o governo adotou uma política de centralização da economia. Traduzida, entre outros aspetos, na fixação dos preços das produções consideradas estratégicas (arroz, amendoim e coconote) e na obrigatoriedade de troca direta dos excedentes por bens importados nos armazéns estatais (Armazéns do Povo), (TEMUDO, 2009). Continuando Temudo (2009), declarou que a política de fixação do preço do arroz (a liberalização total do seu preço só aconteceu em 1989), o limitado montante do crédito concedido para a reabilitação das *bolanhas salgadas* destruídas durante a guerra. A perda progressiva da capacidade de mobilização da mão-de-obra familiar e de ajuda dos chefes dos agregados domésticos após a guerra constituíram desincentivos para a recuperação dos níveis de produção de arroz anteriores a 1963 e reorientaram progressivamente os sistemas de produção para a expansão da área de pomares. Ao contrário dos produtores Balantas, muitos produtores das restantes etnias que antes da guerra possuíam *bolanhas salgadas* foram incapazes de as recuperar, sendo obrigados a optar pela produção de arroz em sequeiro, menos exigente em mão-de-obra em termos de tempo de trabalho e de especialização. No entanto, dado o seu reduzido número, a área por estes desflorestados não se considera significativa (TEMUDO, 2009).

Segundo Temudo (2009) demonstrou, no fim da guerra, a produção de cola, banana e, em menor escala, citrinos foi utilizada pelos produtores não Balantas como estratégia para adquirir um rendimento monetário necessário. À compra de bens essenciais e em alguns casos garantir mesmo a auto-suficiência em arroz, através da troca direta por este cereal com produtores Balantas (TEMUDO, 2009).

2.2 Definição da pesca artesanal

A pesca artesanal é mais antiga do que a pesca industrial, “é feita de uma forma predominante pelos pescadores nacionais, atingindo cerca de 70% dos pescadores artesanais, e também, a outra parcela é composta por pescadores vindos dos países estrangeiros, como Senegal, Guine Conacri e Serra Leoa” (DJASSI, 2023). A pesca foi uma das atividades mais antigas da história humana. Esta atividade tem sido praticada desde os tempos pré-históricos, sendo que, a primeira evidência arqueológica da pesca, elaborados arpões entalhados, foram encontrados em sítios datando de 80.000 anos atrás, não muito depois do surgimento do

Homo Sapiens (CASSAMA, 2017). Embora sejam muitas vezes usadas como sinónimos, para os cientistas e administradores pesqueiros estas duas palavras têm diferentes significados. Enquanto a pesca é o próprio ato de capturar animais aquáticos ou de os criar, uma pescaria é o conjunto do ecossistema e de todos os meios que nele atuam – barcos e artes de pesca – para capturar uma espécie ou um grupo de espécies afins.

A pesca artesanal é uma prática dispersa ao redor do mundo, e apresenta grande importância para as pequenas nações em desenvolvimento. Exercida por produtores autónomos, que utilizam técnicas tradicionais de captura e pequenas embarcações, esta atividade apresenta baixo lucro e rendimento, porém contribui para o apoio alimentar de milhares de famílias e a minimização da pobreza.

2.30 sector da pesca artesanal na Guiné-Bissau

A pesca é um dos sectores mais importantes da economia da Guiné-Bissau e emprega uma grande parcela da população dos pais. O sector da pesca industrial não oferece um número considerável de emprego aos pescadores guineenses, comparado ao sector da pesca artesanal. Porém, apresenta um maior retorno financeiro devido aos acordos firmados com os parceiros de Guiné-Bissau (CASSAMA, 2017).

A pesca é vista principalmente como uma tarefa de subsistência, mais do que uma atividade empresarial, sendo uma das razões a escassez de meios de processamento do peixe. O peixe, que é gelado em caixas de gelo nos barcos e canoas, tem apenas dois centros de conservação por gelo em todo o país, para onde os pescadores poderiam transferir a captura (FERNANDES apud SÁ, 2017). As práticas de salga e defumação estão estritamente relacionadas com a cultura local, haja vista que desde os primórdios do surgimento da atividade na Guiné-Bissau, já se evidenciava estas formas de conservação, praticadas principalmente pelas mulheres (FERNANDES, 2012). Com base nos resultados do inquérito socioeconómico realizado pelo CIPA (2019, p. 5), estima-se que cerca de 35 000 toneladas é proveniente da atividade da pesca artesanal a nível nacional sem ter em consideração as capturas desembarcadas pelas pirogas senegalesas. Salienta-se que cerca de 5% da produção da pesca artesanal é exportada para os países vizinhos. No entanto, estas estimativas podem estar grandemente subestimadas, atendendo às razões acima referidas. O principal facto que afeta as estimativas da pesca artesanal, pensa-se que seja a presença de barcos estrangeiros, principalmente do Senegal e da Guiné-Conacri. Por outro lado, segundo Tavares (1996, p.1), o sector da pesca artesanal tem sido objeto da maior atenção por parte do Ministério das Pescas, a vários títulos, sendo que na economia doméstica, gerência dos empregos e na

sustentabilidade dos recursos marinhos. O potencial produtivo das águas da Guiné-Bissau é considerável. Continuando, ele demonstrou que os recursos haliêuticos, designadamente os da zona insular-estuarina, são particularmente adaptados à captura por comunidades de pescadores artesanais. E, por sua vez, o desenvolvimento destas atividades responde a preocupações de desenvolvimento e de bem-estar das populações das várias regiões, nomeadamente das ilhas do conjunto insular-estuarino e outras. Ainda doutra parte, segundo Barri (2008, p. 16), é difícil quantificar o peso das capturas realizadas por embarcações de pesca artesanal, por se tratar de sector bastante desorganizado, com sérios problemas financeiros. Portanto, é essencial aumentar o controle de fiscalização, programas de sensibilização e promoção de atividades de pesca racional e sustentável no território nacional visando reduzir os impactos irreversíveis e os riscos nas ecossistemas marinhas.

Tabela 1: Repartição das capturas por categoria de pesca

Categorias de pesca	Captura média
Pesca marítima	35 000
Pesca artesanal continental	5 000
Total	35 000

Fonte: CIPA - Ministério das Pescas 2015-2016, (2019)

2.4 Interesses de países fora da África Ocidental

A política de pesca da Guiné-Bissau, caracteriza-se pelo regime de emissão de licenças de pesca a armadores estrangeiros, à semelhança dos outros países africanos da costa, devido à falta de capitais necessário para constituição de uma frota nacional (FAO, 1993apud EMBALÓ, 2021).

Dos interesses fora da África ocidental no sector pesqueiro na Guiné-Bissau, a política de cooperação internacional na área marítima, segundo Djassi, (2023, p.14), teve o seu início depois da independência, em 1975, quando começaram a ser estabelecidas concessões de licença de pesca a colaboradores internacionais, sempre baseadas nas negociações e acordos das lideranças políticas. Antes disso, o domínio do território marinho estava sob controlo do governo colonial português. Entre os países que estabeleceram acordos com Guiné-Bissau independente encontram-se a antiga União Soviética (URSS) e a Argélia (DJASSI, 2023). Neste período o mar da Guiné-Bissau era dominado pelas embarcações industriais de pesca da União Soviética, seu parceiro mais importante na época, visto que Moscovo havia apoiado a luta pela libertação (DJASSI, 2023). No entanto, é obvio que os interesses fora da África ocidental aumentam cada vez mais. A Guiné-Bissau passou a fortalecer outras relações

diplomáticas com outros países da União Europeia e Ásia. Com o fim da Guerra Fria, a maior liberalização e a abertura económica do país, outros países estabeleceram acordos e conseguiram concessões, como Espanha, Itália e Portugal (DJASSI, 2023). Os primeiros acordos entre a Guiné-Bissau e a União Europeia ocorreram em 1983, com um valor de aproximadamente 13 milhões de francos franceses. (TÉ, 2005 apud DJASSI, 2023).

Posteriormente ganharam destaque outros países asiáticos, como China e Japão. Estes novos acordos ocorreram entre os anos de 1990 e 2003, com exceção do período da guerra civil de "7 de Junho", que perdurou entre 1998-1999 e levou a uma suspensão formal destes acordos (DJASSI, 2023).

Ainda doutro lado podemos notar que a progressão gradativa destes acordos, aumentou os interesses e números dos parceiros que levou a evolução das técnicas de pesca. Promoveu o crescimento da pesca industrial no mar territorial da Guiné-Bissau, impactando a oferta de peixes disponíveis para a pesca artesanal, de baixa escala e de baixo impacto, voltada principalmente ao consumo nacional e regional (DJASSI, 2023).

Neste sentido, segundo o trabalho de Djassi (2023), “a inserção periférica de Guiné-Bissau na economia política global coloca-a numa posição de grande dependência internacional, demandando com frequência assistência e empréstimo, por meio da ajuda externa e cooperação internacional”. Neste contexto de forte dependência, as concessões de licenças de pesca, assim como para compra de castanha de caju e mesmo extração de madeira, constituem uma grande fonte de renda para o Estado por meio de uma exploração económica irracional, de pouca fiscalização e de grande impacto ambiental. Com base nessas licenças, a UE é atualmente um dos parceiros mais importantes na área de pesca para a Guiné-Bissau.

2.5 Respostas políticas nacionais

Segundo a resposta política nacional, o Governador da Guiné-Bissau declara através do Centro de Investigação Pesqueira Aplicada – CIPA, que a política do Governo para o sector das pescas, vem definida no Plano Estratégico de Desenvolvimento das Pescas (2015 – 2020), aprovado pelo Governo em 2014 como instrumento de orientação ao nível do Sector. O documento identifica as prioridades, estratégias e ações que o Estado irá implementar, com vista a alcançar os objetivos definidos para o sector, a médio e longo prazo. Assim, o controle da pesca ilegal não declarada e não regulamentada, a integração da frota offshore na economia nacional, a boa governação, a investigação científica, e a certificação dos produtos da pesca.

A promoção do desenvolvimento da Pesca Artesanal e da Aquacultura e o abastecimento de mercado interno em pescado, surgem como prioridades para o sector (CIPA, 2019).

2.6 Projeto de Desenvolvimento de Pesca Artesanal (Cacine)

O projeto "Construção do Centro de Apoio à Pesca Artesanal de Cacine" (2011-2012), com financiamento total da Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) no valor de €9.5 milhões, tinha como destinatários os pescadores artesanais da região de Cacine, na Região de Tombali. Seus objetivos incluíam melhorar as instalações de pesca, promover a atividade pesqueira, aprimorar a gestão dos recursos, oferecer serviços de descarga, facilitar o escoamento e comercialização dos produtos da pesca, fornecer gelo, combustível e água potável, bem como serviços de reparo, manutenção e montagem de motores fora de bordo. Além disso, visava promover práticas de pesca responsável com base no modelo de co-gestão das pescarias e capacitar pescadores e mulheres envolvidas na conservação e transformação do pescado. No entanto, atualmente, o centro encontra-se inativo e sofrendo deterioração gradual. Por outro lado, existe um centro de iniciativa privada de empresários coreanos chamado CONAPESCA, que agora perdeu a força, e uma ONG chamada ADIM, que actua na conservação e comercialização (DGPA, 2017).

3. METODOLOGIA

3.1 Área de estudo

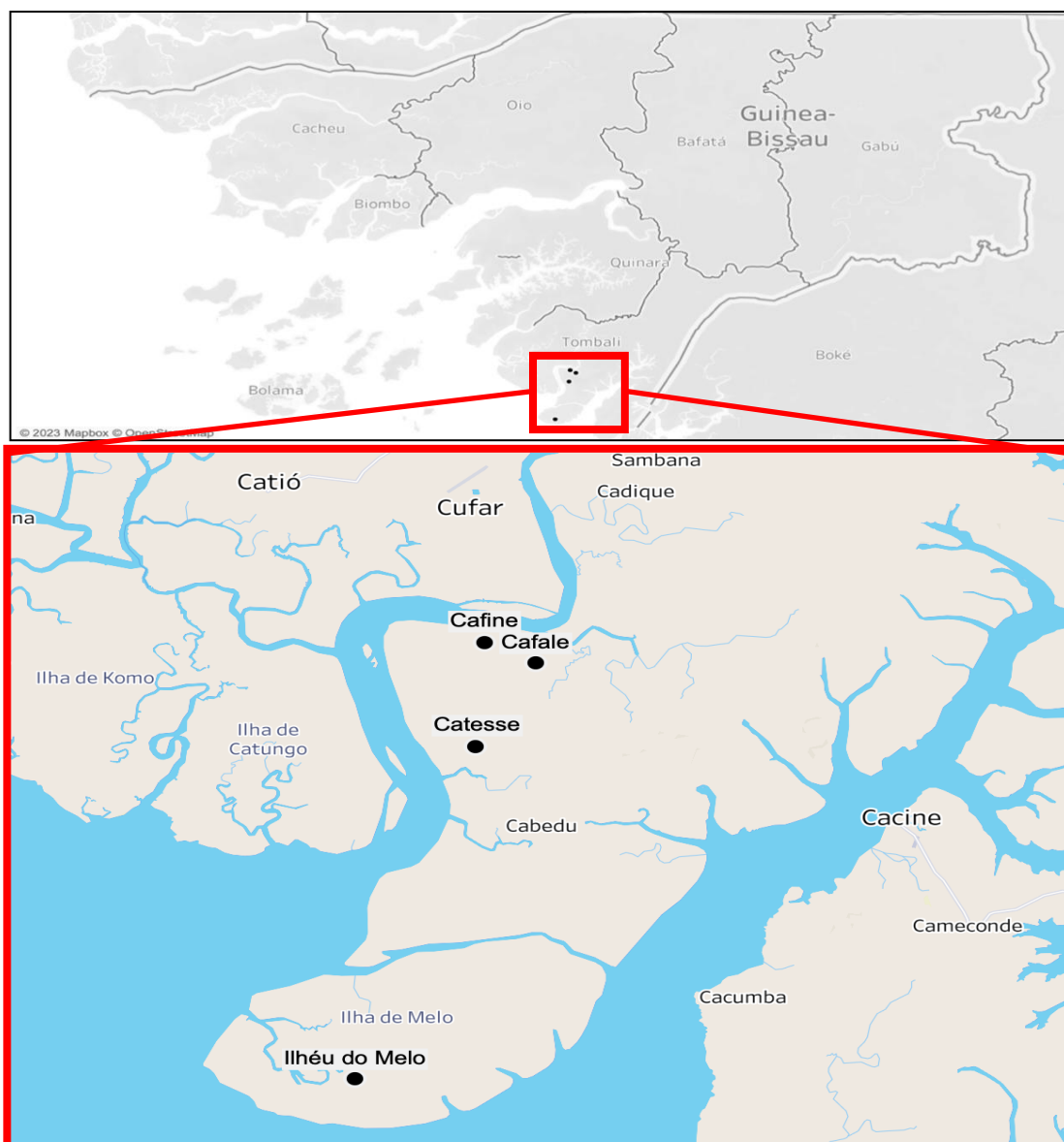


Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau com as aldeias (Cafale, Cafine, Catesse, Ilhéu do Melo) indicadas na região de Tombali.

O presente estudo foi realizado na província sul da Guiné-Bissau, a região de Tombali, no sector de Bedanda. Essa zona foi antigamente dividida no território de Cantanhez que compreendia os regulados de Cadique, Cabedú, Iemberém e o Ilhéu do Melo (TEMUDO, 2009). Dentro deste território foram selecionadas quatro aldeias: Ilhéu do Melo, Catesse, Cafine e Cafale. Todas as aldeias são historicamente vistas como pertencendo ao chão Nalu. Em Cafine agora predomina a etnia Balanta junto com alguns Sossos, em Catesse existe uma mistura de etnias (Balanta, Nalu, Sosso, Fula) e tanto o Ilhéu do Melo como Cafale estão divididos em bairros distintos de Nalus e Balantas (NOBREGA, 2003).

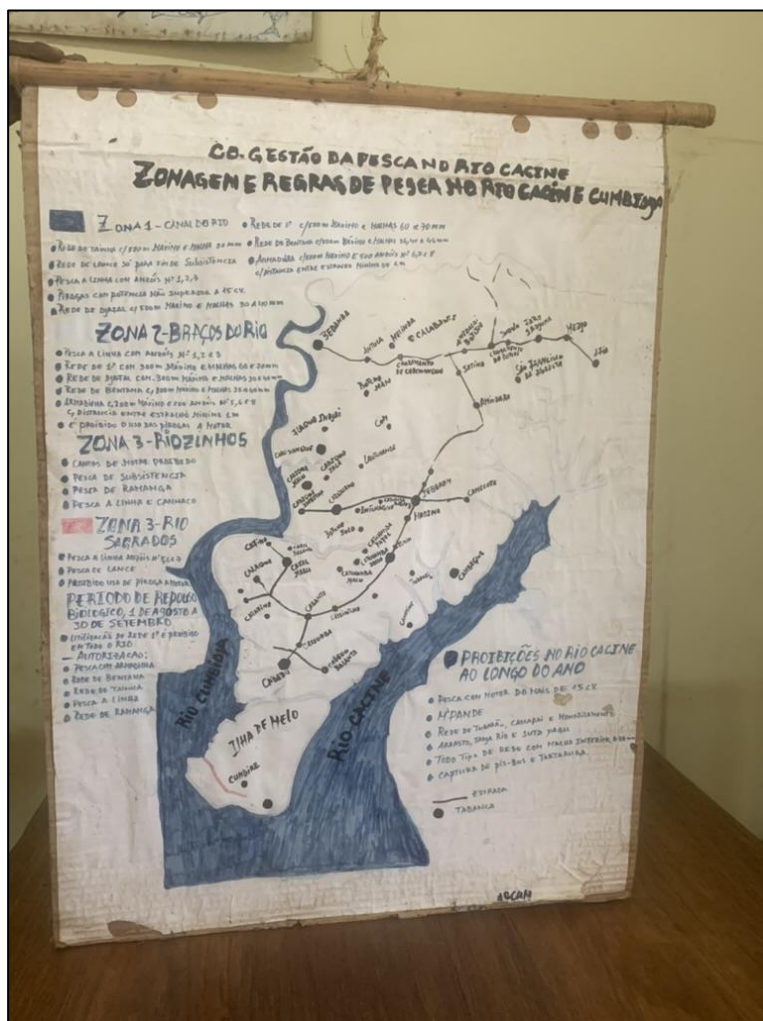


Figura 2: Regras de pesca do Parque Nacional Cantanhez (PNC), região de Tombali, Guiné-Bissau

Atualmente, todas as aldeias estão localizadas dentro de Parque Nacional de Cantanhez (PNC) que é uma zona controlada pelo Instituto da Biodiversidade e das Áreas protegidas (IBAP). O PNC está composto por duas partes, terrestre e marinha, sendo um parque costeiro, que tem três zonas com um plano de gestão distinto. O Ilhéu do Melo situa-se como ilha entre-os-rios Cumbidja e Cacine, no canal do Rio e pertence à zona, em que se pode navegar com os motores até 15 cavalos e também utilizar as redes de peixe primeira. A ilha também contém um rio sagrado, incluído na gestão. Catesse está localizada mais para o interior tal como Cafine e Cafale e pertencem à zona 2, em que é proibido uso das canoas a motor para pescar e a pesca com palangre não pode ultrapassar 300 m. Embora os pequenos afluentes dos braços do rio pertençam à zona 3, onde são proibidas as canoas a motor e só é permitida a pesca para subsistência.

3.2 Método misto

3.2.1 Dados qualitativos

O método de coleta de dados adotado neste estudo envolve a coleta de dados qualitativos, através da observação participante e entrevistas semiestruturadas. O objetivo é adquirir uma compreensão abrangente da história da evolução das práticas de pesca artesanal no ilhéu de Melo, PNC. Essa abordagem inicial permite uma exploração mais clara e aprofundada da realidade em estudo, uma vez que requer que o pesquisador esteja imerso na realidade em questão. Além disso, esta pesquisa inclui entrevistas com pescadores locais e os pescadores mais antigos da ilha, bem como a captura de informações por meio de reportagens fotográficas, a fim de aprofundar nossa compreensão sobre o desenvolvimento da pesca artesanal.

3.2.2. Dados quantitativos

Além disso, realizei um total de 250 inquéritos aos agregados familiares nas quatro aldeias para caracterizar a distinção de género nas práticas na pesca: sendo em Cafine um total de 75,73 em Cafale, 62 em Catesse, e 40 fogões no Ilhéu de Melo. Para aprofundar o conhecimento das práticas de pesca dirigidas ao homem que pescam com rede, foram realizados um total de 56 questionários individuais com pescadores masculinos: Ilheu de Melo (n=7), Catesse (n=20) e Cafine/Cafale (n=29). Cafine e Cafale foram combinados devido a práticas semelhantes obtidas nos inquéritos aos agregados familiares. O baixo número de inquéritos em Ilhéu do Melo deveu-se a problemas logísticos durante o trabalho de terreno.

Para a caracterização geral dos homens e das suas práticas pesqueiras, realizei questionários individuais. Utilizei a técnica de pesquisa “*snowball*” (Inglês) ou “bola-de-neve” para amostragem dos participantes (BALDIN, 2011). Isso é uma técnica em que as pessoas foram consultadas verbalmente para perguntar se poderiam identificar outros homens que estivessem envolvidos na pesca de mangal com redes. Ao repetir isto várias vezes, consegui consultar pescadores de uma forma mais direcionada para participarem neste trabalho.

Os questionários foram distribuídos de acordo com o calendário do orientador e o estudante nas quatro localidades visitadas. Para obtenção dos dados primários foram realizadas 11 dias de visita (12/05 a 22/05/2023) no terreno:

1. Nos dias 12 a 17 de Maio 2023 hospedei-me durante 6 dias na casa de projeto Malmon em Cafine;

2. Nos dias 18 a 20 de Maio do ano 2023, hospedei-me durante 3 dias no centro de saúde em Ilhéu do Melo;
3. Nos dias 21 a 22 de Maio do ano 2023, hospedei-me durante 2 dias na escola de Catesse.

Durante o trabalho de terreno fui acompanhado por agricultores-pesquisadores do projeto *Malmon* (www.malmon-desira.com) de Cafine e Cafal. A visita ao campo permitiu-me ter o conhecimento da área de estudo e conseqüentemente ter uma interação com os pescadores de forma direta nas comunidades. Foram também criadas as condições para obtenção das informações, formulários e fotografias. Tive contacto com os pescadores, tantos homens como as mulheres durante a minha estadia, perguntando como eles pescam, onde eles praticam essas atividades e qual é a finalidade do pescado. Também participei nas atividades e observei diretamente as práticas dos pescadores. Os questionários foram aplicados individualmente casa a casa e visitei os diferentes locais de pesca.

3.3 Os inquiridos

As pessoas inquiridas durante o estudo são os pescadores masculinos das comunidades de Ilheu do Melo, Catesse, Cafale e Cafine. Os pescadores têm uma idade entre 18 e 87 anos, sendo a média entre essas idades de 46 anos. No período da pesquisa o número total da população dos pescadores pertencentes às comunidades-alvo desta investigação era da ordem de 56 indivíduos entrevistados: 29 no Cafine/Cafale, 20 em Catesse e 7 no Ilhéu do Melo.

3.4 Análise dos dados

Os dados recolhidos a partir dos questionários foram introduzidos e tratados em Excel, usando a tabela dinâmica para agrupar e separar os dados, tendo em consideração as ferramentas de estatística descritiva, principalmente a utilização de tabelas e gráficos que facilitam a leitura e interpretação de séries de dados.

4. RESULTADOS

4.1 Levantamento das atividades de pesca nos agregados familiares

4.1.1 Mulheres

Tabela 2: A pesca das mulheres

Tabanca	Cafine	Cafal	Catesse	Ilhéu de Melo
Fogão (n)	75	74	62	40
Instrumentos				
Rede redonda	84%	77%	52%	60%
Talha rio (tenda)	41%	19%	18%	13%
Talha rio (náilon)	32%	24%	26%	40%
Peixes-alvo				
Bentana	92%	93%	53%	80%
Tainha	92%	95%	45%	80%
Cacandja	91%	91%	45%	78%
Djoto	77%	69%	35%	80%
Tempo de pesca				
Seco	0%	3%	2%	13%
Chuva	1%	1%	8%	3%
Todo ano	93%	92%	44%	70%
Não pescam	6%	4%	46%	14%

Instrumentos

A tabela apresentada compara o uso de diferentes técnicas de pesca pelas mulheres nas quatro aldeias estudadas. Em Cafine, 84% dos fogões as mulheres usam rede redonda, seguido por Cafal com 77%, Ilhéu de Melo com 60% e, por último, Catesse com 52% dos fogões. Quanto ao uso de tendas na pesca, observa-se um uso maior em Cafine (41%), seguido por Cafal (19%), Catesse (18%) e, por último, Ilhéu de Melo (13%). Já no uso de redes de náilon, Ilhéu de Melo se destaca, com cerca de 40% dos fogões onde as mulheres utilizam, seguido por Cafine (32%), Catesse (26%) e, por último, Cafal (24%).

Peixes-alvo

A tabela compara a captura de diferentes peixes em quatro aldeias. Notamos pouca diferença na captura de bentanas entre Cafal (93%) e Cafine (92%), seguidos por Catesse (53%). Ilhéu de Melo não apresenta uma captura de bentanas, segundo os dados na tabela. No caso da captura de tainha, há uma pequena diferença entre Cafal (95%) e Cafine (92%). Ilhéu de Melo apresenta uma diferença considerável em relação às outras aldeias, com 80% de captura de tainha, enquanto Catesse tem 45%. Quanto à captura de cacandja, Cafal e Cafine têm igualdade, ambos com 91% dos fogões. Ilhéu de Melo tem 74%, e Catesse apresenta

45%. Na captura de djoto, o Ilhéu de Melo se destaca com 80% dos fogões, seguido por Cafine (77%) e Cafal (69%). Catesse tem a menor captura de Djoto, com 35% dos fogões.

Tempo de pesca

Na análise da pesca realizada pelas mulheres, observamos uma diferença notável entre as quatro comunidades em relação ao tempo dedicado à pesca. Notamos uma consistência entre as aldeias de Cafine e Cafal, onde em, respetivamente, 93% e 92% dos fogões as mulheres pescam durante todo o ano, tanto na estação chuvosa quanto na seca. No entanto, no Ilhéu de Melo, essa proporção é menor, com 70% dos fogões onde as mulheres pescam todo o ano, apresentando uma diferença considerável em relação às duas primeiras aldeias. Por último, em Catesse, apenas em 44% dos fogões as mulheres pescam durante ambas as estações, e 46% não pescam, demonstrando uma diferença significativa em comparação com as outras comunidades.

4.1.2. Homens

Tabela 3: A pesca dos homens

Tabanca	Cafine	Cafal	Catesse	Ilhéu de Melo
Fogão (n)	75	74	62	40
Instrumentos				
Canoa	47%	41%	63%	65%
Rede boiante	32%	34%	65%	80%
Rede Tchás	32%	18%	24%	25%
Rede Fertcha	9%	12%	32%	8%
Armadilha	44%	38%	55%	43%
Linha e anzol	39%	57%	55%	18%
Gamboa (Curundé)	24%	20%	11%	15%
Tempo de pesca				
Seco	7%	0%	3%	3%
Chuva	4%	1%	3%	0%
Tudo ano	44%	55%	76%	85%
Não pescam	45%	42%	15%	12%

Instrumentos

A tabela compara os materiais mais utilizados pelos homens em suas atividades de pesca nas quatro aldeias pesquisadas. Em Ilhéu de Melo, em 65% dos fogões os homens possuem canoas, enquanto em Catesse esse número é de 63%, seguido por Cafine com 47% e, por último, Cafal com 41%. Quanto ao uso de diferentes tipos de redes, em Ilhéu de Melo, em 80% dos fogões os homens utilizam rede boiante, em Catesse esse número é de 65%, Cafal

com 34%, e Cafine com 32%.No uso de redes tchas, Cafine se destaca, com 32% dos fogões usando esse tipo de rede, seguido por Ilhéu de Melo com 25%, Catesse com 24%, e Cafal com 18%.Já na utilização de rede de fertcha, Catesse possui a maior percentagem, com 32% dos fogões usando esse tipo de rede, enquanto em Cafal isso é12%, em Cafine9%, e Ilhéu de Melo 8%.Quanto ao uso de armadilhas, Catesse lidera com homens de 55% dos fogões utilizando esse instrumento, seguido por Cafine com 44%, Cafal com 43%, e, por último, Ilhéu de Melo com 38%.Na utilização de linha de anzol pelos homens, Cafal e Catesse têm uma pequena diferença, com 57% e 55% dos fogões respectivamente., enquanto em Cafine são 39% dos fogões e no Ilhéu de Melo apenas 18%.No uso de currundé, Cafine tem 24% dos homens utilizando, seguido por Cafal com 20%, Ilhéu de Melo com 15%, e Catesse com 11%.

Tempo de pesca

Na comparação do tempo dedicado à pesca entre as quatro aldeias, observamos pouca diferença entre o Ilhéu do Melo e Catesse. No Ilhéu do Melo os homens pescam durante todo o ano (85% dos fogões), enquanto em Catesse esse número é de 76%. Cafal tem 55% dos fogões onde os homens pescam o tempo todo, em Cafine isso é de 44%. Em relação à pesca na época chuvosa, há uma diferença relativa entre as aldeias: Cafine (44%) e Catesse (3%), Cafal (1%) e Ilhéu do Melo não há homens pescando durante esse tempo. Na época seca, há uma diferença, sendo Cafine com 7%, Ilhéu do Melo e Catesse ambos com 3% dos fogões onde os homens pescando exclusivamente nesse período. Quanto aos homens que não pescam, há uma pequena diferença entre Cafine (45%) e Cafal (42%), enquanto Catesse tem 15% e no Ilhéu do Melo em 12% dos fogões os homens que não se dedicam à pesca.

4.2. A pesca masculina

4.2.1. Espécies-alvo

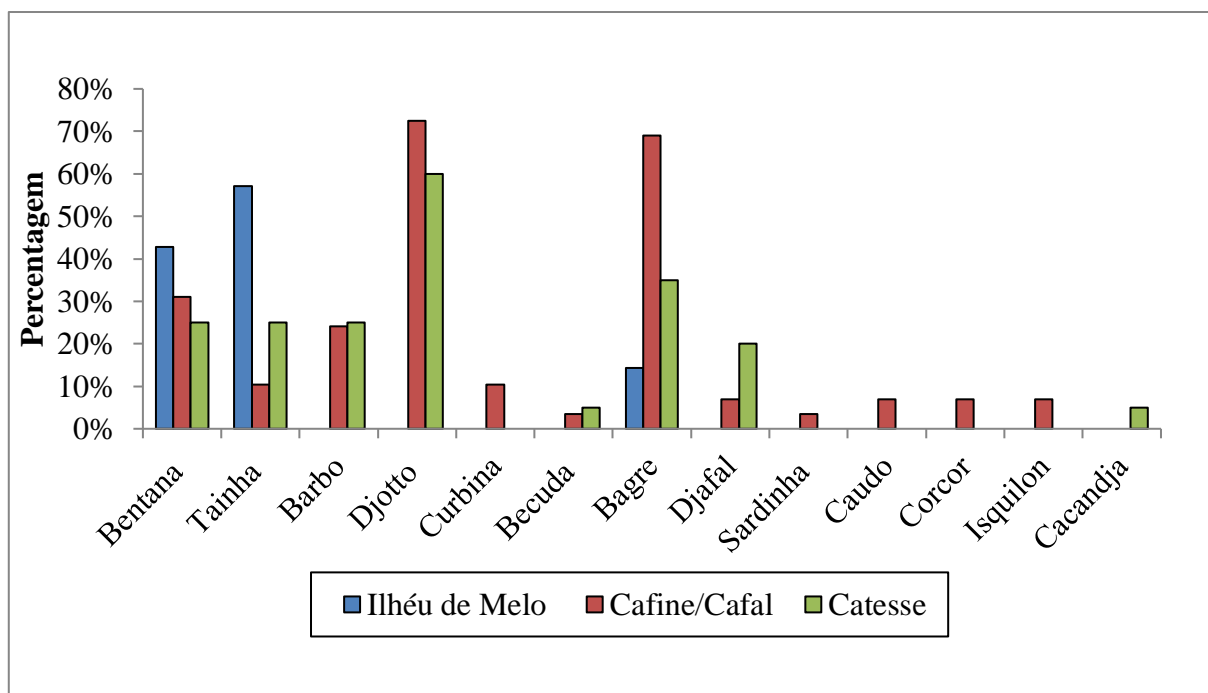


Figura 3: Espécies-alvo

O gráfico apresentado compara as espécies alvo entre quatro aldeias estudadas. Em Ilhéu do Melo, 42% dos pescadores focam-se na captura de bentana, enquanto em Cafal/Cafine esse número é de 31% e em Catesse, 25%. Quanto à pesca de tainhas, Ilhéu do Melo lidera com 58%, seguido por Catesse com 25% e Cafine com 10%. Na captura de barbo, há pouca diferença entre Catesse (25%) e Cafal/Cafine (24%), enquanto no Ilhéu do Melo não se regista captura dessa espécie. Na pesca de djoto, observa-se pouca diferença entre Cafal/Cafine (72%), Catesse (60%), mas nenhuma captura no Ilhéu do Melo. A espécie de corvina é observada em Cafine/Cafal, com 10%, enquanto Ilhéu do Melo e Catesse não registam essa captura. Quanto à becuda, há pouca diferença entre Cafine/Cafal e Catesse, com 5% e 4%, respetivamente, enquanto Ilhéu do Melo não apresenta captura dessa espécie. Na captura de bagres, o gráfico mostra grande diferença: Cafine/Cafal com 68%, Catesse com 35% e Ilhéu do Melo com 15%. Na espécie de djafal, Catesse tem 20%, Cafine/Cafal com 8%, enquanto no Ilhéu do Melo e em Cafal não é pescado. Outras espécies como sardinha, caudo, corcor e esquilon são capturadas apenas em Cafine/Cafal, enquanto as duas últimas aldeias não apresentam registos dessas capturas. Quanto à pesca de cacandja, apenas em Catesse é praticada, enquanto nas outras três aldeias não há registo de pescadores que capturam essa espécie.

4.2.2. Rendimento por semana

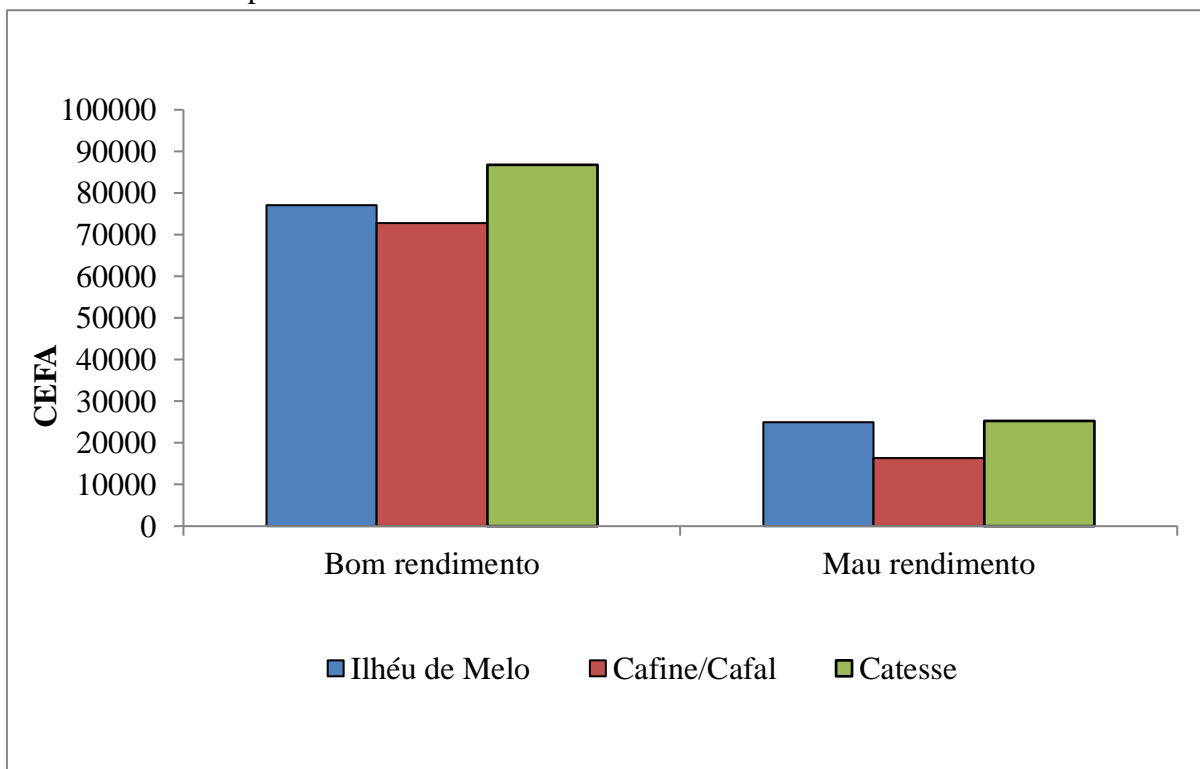


Figura 4: Rendimento (bom/mau) numa semana por aldeia

O gráfico revela as diferenças nos rendimentos semanais dos pescadores em quatro aldeias estudadas. Em média, os pescadores de Catesse têm o rendimento mais alto por semana. Em Catesse, a média de bom rendimento semanal é de “87.000” CEFA, seguida por Ilhéu de Melo com “78.000” CEFA e Cafine/Cafal com média semelhante de “72.000” CEFA.

Quanto aos rendimentos por semana com mau rendimento, a média em Ilhéu do Melo e Catesse é mais alta em comparação com as outras aldeias. Ilhéu de Melo e Catesse têm uma média igual de “25.000” CEFA, enquanto Cafine/Cafal apresenta uma média de “16.000” CEFA, muito inferior a Ilhéu de Melo e Catesse.

4.2.3. Capital para comprar o material de pesca

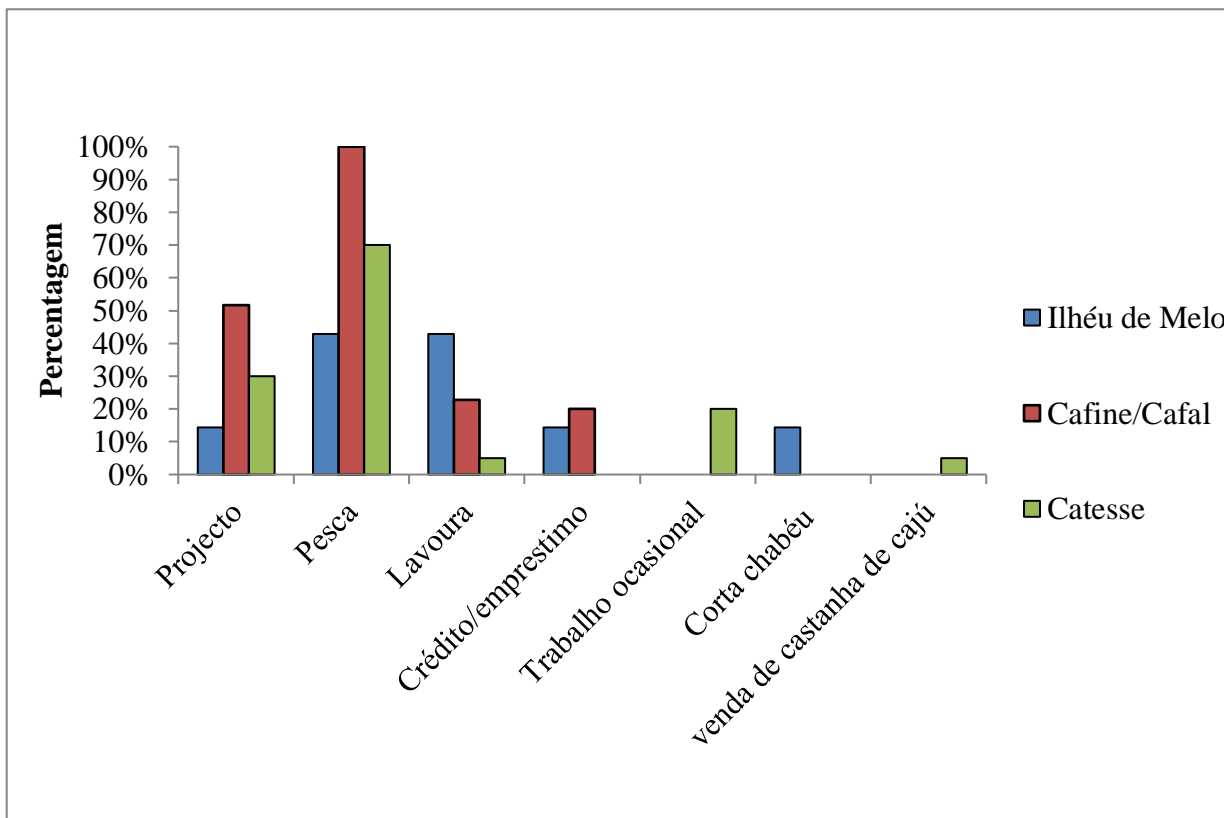


Figura 5: Capital para comprar o material de pesca

O gráfico compara a origem do capital dos pescadores para adquirir os materiais de pesca. Em Cafine/Cafal, todos pescadores utilizam a pesca como fonte de capital, enquanto em Catesse esse número é de 70% e em Ilhéu do Melo, 41% dos pescadores. Analisando os projetos como origem do capital, em Cafine/Cafal são 51%, em Catesse 30%, e em Ilhéu do Melo 15% dos pescadores. Quanto à lavoura como fonte de capital, 41% em Ilhéu do Melo, 21% em Cafine/Cafal e apenas 3% em Catesse. Em relação ao crédito ou empréstimo, 15% dos pescadores em Ilhéu do Melo têm essa fonte, enquanto em Cafine/Cafal são 21%, e em Catesse, nenhum pescador mencionou uso de crédito. Trabalhos ocasionais representam 20% dos pescadores em Catesse, enquanto corta de chabéu é a fonte para 18% dos pescadores em Ilhéu do Melo, sem registos nas outras aldeias. Sobre a venda de castanhas de caju como origem de compra para as matérias de pesca, 2% dos pescadores em Catesse utilizam essa fonte, sem registos nas outras aldeias.

4.2. Mudanças na biodiversidade

4.2.1. Espécies predominantes

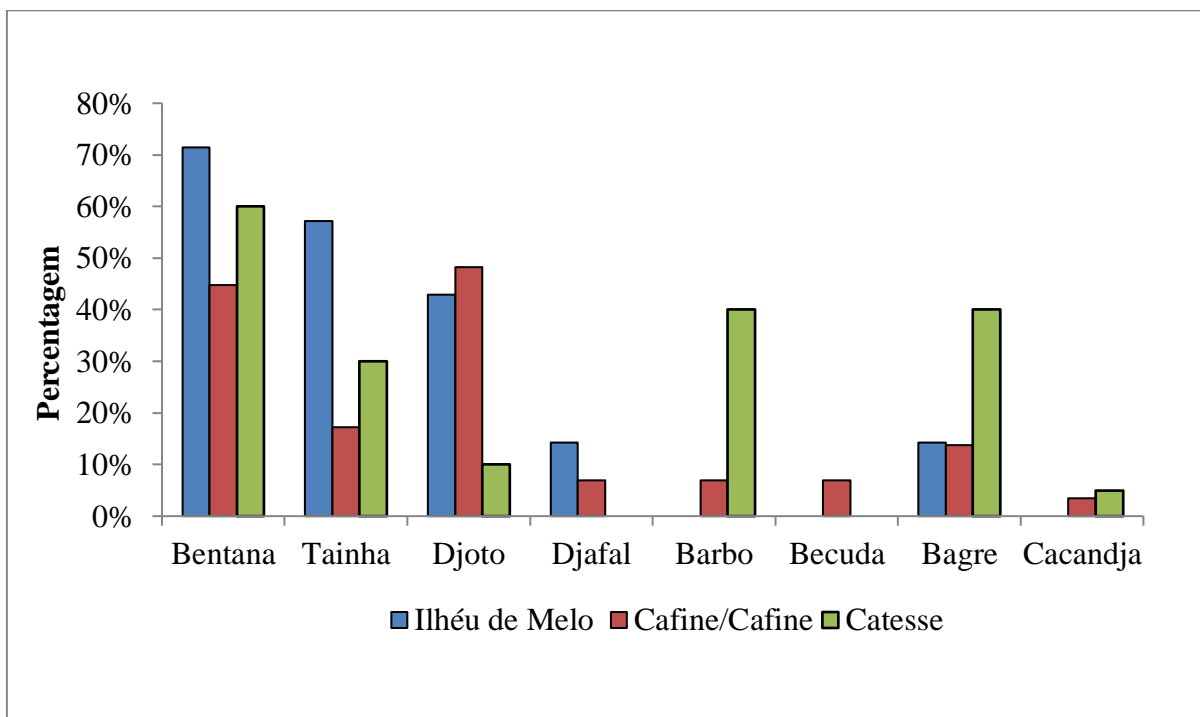


Figura 6: Espécies predominantes

A análise das espécies mais pescadas revela diferenças entre as aldeias. No Ilhéu do Melo, as bentanas predominam tendo sido citadas por 72% dos pescadores, em comparação a Catesse com 60% e Cafine/Cafal com 45% dos pescadores. Quanto às tainhas, a sua pesca é importante em Ilhéu do Melo (56%), enquanto em Catesse é feita por 30% dos fogões e em Cafine/Cafal é só por 16%. O Djoto é uma espécie pescada importante em Cafine/Cafal que lideram com 48%, seguido por Ilhéu do Melo com 42%, mas já em Catesse (10%) não é importante. O Djafal é pouco pescado nas aldeias em estudo, havendo uma pequena diferença entre Ilhéu do Melo (12%) e Cafine/Cafal (7%), enquanto em Catesse não é pescado. Pelo contrário, a pesca de barboé praticada por 40% dos fogões em Catesse e 8% em Cafine/Cafal. Becuda só era mencionado como espécie pescada em Cafine/Cafal com 5% dos pescadores. Os bagres são pescados em todas as aldeias, mas sobretudo em Catesse (40%), seguido por Ilhéu do Melo (12%) e Cafine/Cafal (10%). Cacandja não foi muito mencionado como peixe pescado, tendo sido referida por alguns pescadores em Catesse (4%) e Cafine/Cafal (3%).

4.2.2. Mudanças na quantidade do pescado

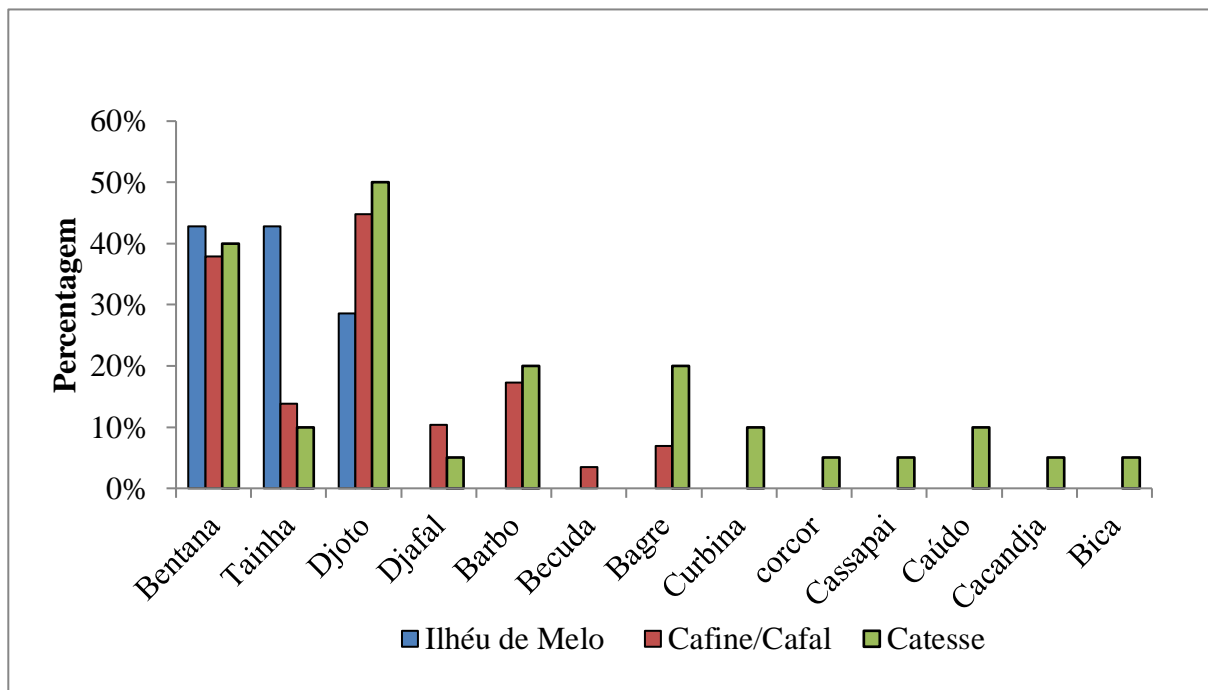


Figura 7: Mudanças na quantidade do pescado

Em Ilhéu do Melo, a quantidade de bentanas mudou sendo citada por 42% dos pescadores, em comparação a Catesse com 40% e Cafine/Cafal com 37%. Quanto a mudança de tainha, Ilhéu do Melo com 43%, diferente do Cafine/Cafal com 12%, e Catesse com 10% dos pescadores. Djoto, Catesse lidera com 51%, seguida de Cafine/Cafal com 45%, e Ilhéu do Melo com 28%. Djafal tem uma diferença entre Cafine/Cafal, 10% e Catesse com 4% e não é mencionada em Ilhéu do Melo. A mudança de barbo mostra 20% em Catesse, e Cafine/Cafal com 18% e não mencionada no Ilhéu do Melo. A mudança de Becuda era só mencionada em Cafine/Cafal. Ao passo que Bagre, é mencionado em Catesse 20%, diferente do Cafine/Cafal com 8% dos pescadores. E das outras espécies, em comparação, não era muito mencionado a sua mudança nas outras aldeias, só com alguns pescadores em Catesse mencionam Curbina (10%), Caúdo (10%), Corcor (5%), Cassapai (5%), Cacandja (5%) e Bica (5%).

4.2.3. Espécies desaparecidas

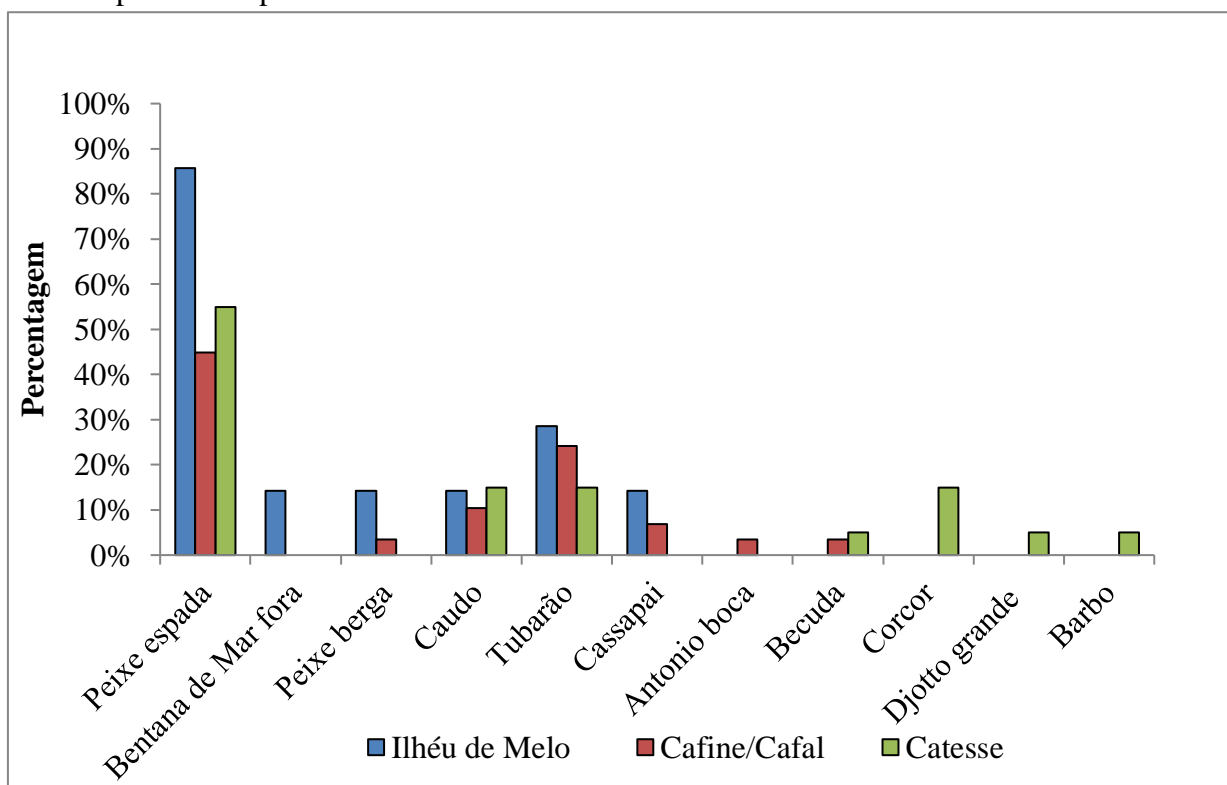


Figura 8: Espécies desaparecidas

Sobretudo peixe-espada foi mencionado como espécie desaparecida pelos pescadores: no Ilhéu do Melo por 86%, 55% em Catesse e 45% em Cafine/Cafal. Bentana de mar foi só mencionado em Ilhéu do Melo (14% dos pescadores) e também peixe berga sobretudo em Ilhéu do Melo (15%), mas não em Cafine/Cafal (3%). Caúdo, Ilhéu do Melo e Catesse com semelhanças 15% em relação a Cafine/Cafal com 10%. O tubarão foi considerado uma espécie desaparecida pelos pescadores nas todas aldeias: 28% em Ilhéu do Melo, 24% em Cafine/Cafal, e 14% dos pescadores em Catesse. A maioria dos peixes mencionados em Ilhéu do Melo eram confirmados nas todas aldeias, exceto para bentana de mar fora e em Catesse e Cafine/Cafale houve mais outras espécies que desapareciam. Para a espécie cassapai, Ilhéu do Melo tem 12%, Cafine/Cafal 8% dos pescadores que citam. Antonio Boca só era mencionada no Cafine/Cafal. Becudaera mencionado pelos pouco pescadores: Catesse (3%), Cafine/Cafal (3%). Certas espécies foram mencionadas só na aldeia de Catesse: corcor, djotto grande, e barbo.

4.2.4. Ano de desaparecimento

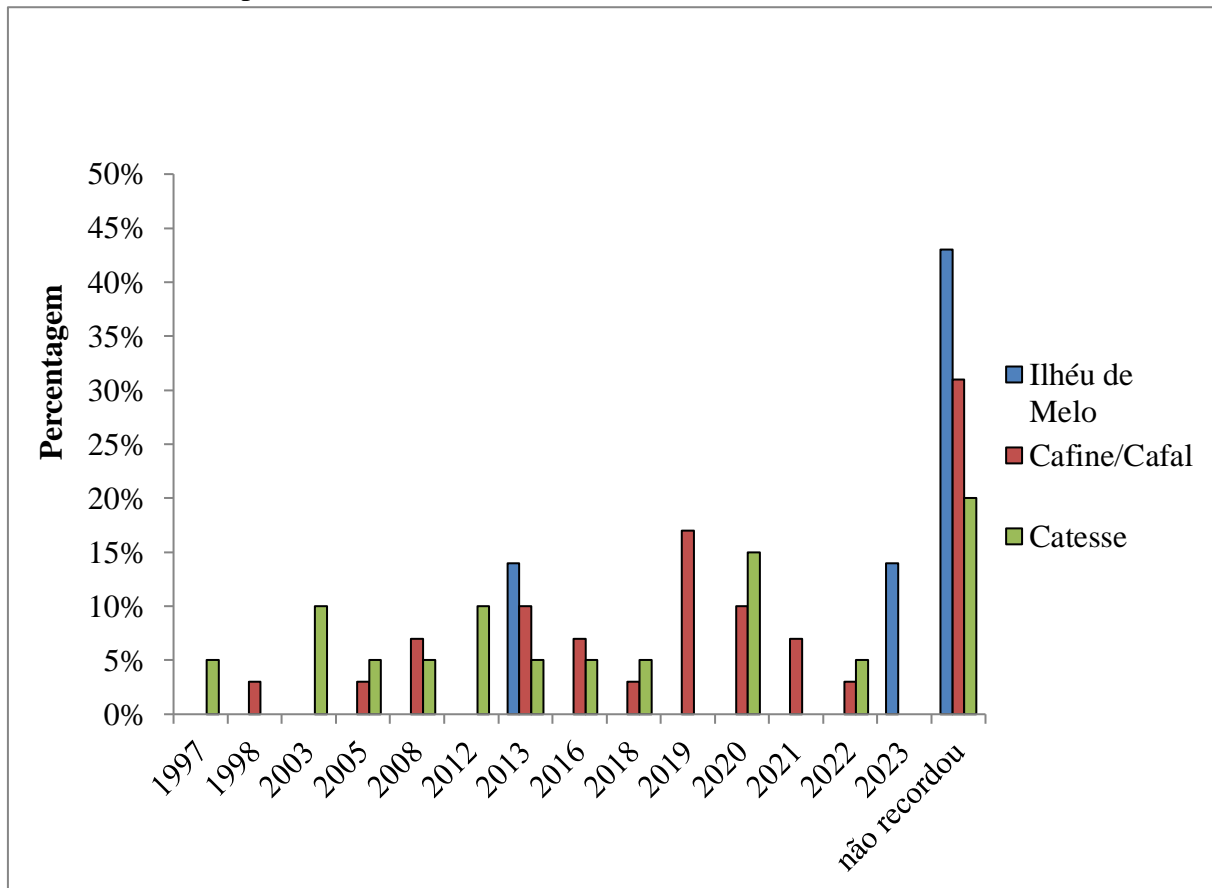


Figura 9: Ano de desaparecimento

O gráfico mostra o desaparecimento de espécies ao longo dos anos em quatro aldeias estudadas. A maioria dos pescadores em todas as aldeias não se lembra do ano exato, mas podemos concluir que a maioria confirma que as espécies desapareceram nos últimos anos.

4.2.4. Razões

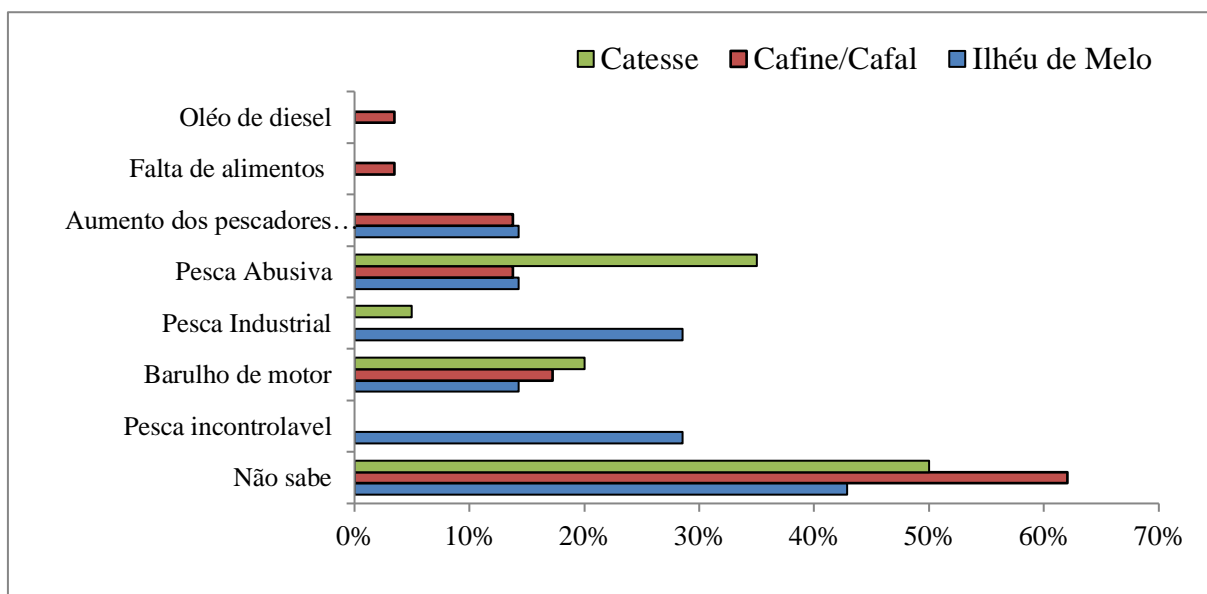


Figura 10: Razões de desaparecimento

O gráfico acima nos permite fazer uma leitura sobre algumas razões que levaram ao desaparecimento de algumas espécies apontada pelos pescadores. Comparando as quatro aldeias a análise do gráfico indica que 61% dos pescadores em Cafine/Cafal, 50% em Catesse, e 42% no Ilhéu do Melo não sabem a razão do desaparecimento de algumas espécies.

Dos pescadores que apontaram a pesca incontrolável como razão do desaparecimento de algumas espécies podemos detetar 29% dos pescadores no Ilhéu do Melo, em relação às outras três aldeias, Cafine, Cafal e Catesse não foram mencionadas. Poucos pescadores apontaram o barulho de canoas a motor como razão de desaparecimento de algumas espécies: Catesse com 20% e relação ao Cafine/Cafal com 18% e Ilhéu do Melo com 15% dos pescadores. A pesca industrial foi apresentada como razão de desaparecimento no Ilhéu do Melo por 29% dos pescadores, em Catesse só por 5%, e Cafine/Cafal não foi mencionada. Dos pescadores que apontaram pesca abusiva como razão do desaparecimento notamos uma maior percentagem em Catesse com 35% dos pescadores, mas o Ilhéu do Melo só 14% e Cafine/Cafal com 13%. Um número reduzido de entrevistados no Ilhéu do Melo (15% dos pescadores) e Cafine/Cafal (13%) apontou os pescadores estrangeiros como razão de desaparecimento, mas esse fator não foi mencionado em Catesse. Por último, uma outra razão que só é apontada pelos pescadores em Cafine/Cafal é a falta de alimento para os peixes e derrama de óleo de diesel nos rios e mares.

5. DISCUSSÃO

5.1 História da pesca na região de Tombali

As aldeias de Cafine, Cafal, Catesse e Ilhéu do Melo, situam-se na província Sul do país, na região de Tombali, dentro de parque nacional de Cantanhez, controlado pelo Instituto da Biodiversidade das Áreas Protegidas (IBAP). São aldeias com pequena dimensão em Tombali, habitadas pelos dois grupos étnicos da GB, Nalus e Balantas, mas os primeiros habitantes, ou seja, nativos destas aldeias, foram os Nalus, depois vieram os Balantas vindo do norte do país, daí a aldeia de Ilhéu do Melo e Cafal passaram a ter dois bairros distintos: um bairro dos Nalus e um bairro dos Balantas.

Os Nalus como nativos destas aldeias, praticavam a pesca só para a sua subsistência antes de chegada dos Balantas. Homens e mulheres praticavam uma pesca simples, com simples utensílios. Os homens Nalus pescavam em grupo nos rios com uma rede chamada “N’txubancan” feito com Nkongkongtaraffe (*Avicenniagerminans*) que já não se usa e desapareceu, mas que segundo a sua explicação, é uma rede de dois paus em forma de X, com a rede fixada no seu extremo, do qual conseguiam os pescados para seu consumo familiar. As mulheres Nalus pescavam com cabaça na lama nos pequenos braços de rios, da qual retiram a água do canal fechado por elas para depois capturar os peixes. Chegando a etnia Balanta vindo do Norte em busca dos campos para agricultura de arroz, esses também tinham as suas práticas de pesca. As mulheres Balantas pescavam com uma rede redonda nas bolanhas, e os homens dedicavam mais tempo na lavoura de arroz. Com as constantes mudanças climáticas que se verificam no mundo, o qual levou a subida do nível da água do mar que levou a entrada da água salgada nos campos agrícolas, os homens Balantas passaram a pescar e com passar do tempo as suas pescas já não se limitaram ao consumo familiar, mas também à venda.

Nos anos 1980, com o mandato do presidente João Bernardo Nino Viera, abriu o comércio por toda a parte da Guiné. Também havia muitos recursos na água do país, e isso começou a atrair os pescadores estrangeiros que começaram a migrar para as costas da Guiné-Bissau. A pesca dos homens Balantas foi muito influenciada pelos pescadores estrangeiros vindo de Guiné-Conacri, Senegal e Serra Leoa, o que contribuiu para a modernização da pesca artesanal nessas aldeias. Mais recentemente, com a instalação dos projetos asiáticos (atualmente, sobretudo coreanos), os homens Balanta começaram a pescar para vender, e a pesca começou a obter outras características. Isso contribuiu muito na modernização da pesca artesanal nas aldeias do Sul.

A forma de pesca dos pescadores estrangeiros era irracional e incontrollável, e também para conservar os pescados, eles cortavam o mangal principalmente *Avicenniagerminans* e um pouquinho de *Rhizophoramangle* para fumagem dos pescados, sendo estas espécies importantes para abrigo e a reprodução dos recursos aquáticos. Os habitantes destas aldeias passaram a vender os seus pescados para poder comprar alguns produtos essenciais, por exemplo: sabão, gosto, óleo de cozinha, roupa, etc.

Com o passar do tempo, os jovens Balantas começaram a fazer sociedade da pesca com os pescadores estrangeiros, pois que tinham instrumentos mais sofisticados da pesca e habilidades, estratégia, ou seja, arte da pesca artesanal. Os pescadores tinham uma boa relação nessa época, além de terem culturas, língua e habilidade diferentes. Eles conviveram na base da harmonia e compreensão, e também compartilharam os conhecimentos. Ao mesmo tempo, a população nativa também dependia de pescadores estrangeiros para o transporte ao hospital, de palha usada na cobertura das casas e para as feiras locais para poder vender o pescado, o que é muito importante dada a posição isolada no caso da ilha do Melo. Embora houvesse vantagens na presença de estrangeiros, ao mesmo tempo as redes pequenas (em termos de altura e comprimento) dos pescadores locais eram danificadas no mar pelas redes maiores dos estrangeiros. Isto dificultou a captura de recursos aquáticos pelos pescadores locais, uma vez que os peixes permaneciam mais afastados dos mangais locais devido ao aumento do barulho das canoas a motor e ao aumento da pressão da pesca, entre outras coisas. Nas aldeias da região sul de Tombali ocorreu uma mudança fundamental no desenvolvimento das formas de subsistência locais.

Durante esse período, o influxo de estrangeiros criou um mercado emergente para as comunidades locais, permitindo-lhes negociar e vender as suas capturas aos pescadores estrangeiros, os quais, por sua vez, providenciavam transporte para carregamentos de peixe. Esse mercado impulsionado por interesses estrangeiros também despertou o interesse de entidades além da África, particularmente os mercados asiáticos, motivados por incentivos económicos para explorar os recursos aquáticos no Oeste Africano.

As regulamentações nacionais estavam mais focadas nos aspetos ecológicos da conservação, desencadeando uma abordagem para restringir a presença dos pescadores estrangeiros. Consequentemente, os acampamentos de pesca foram desmantelados e abandonados, e os compradores asiáticos também se retiraram gradualmente da Ilha do Melo. As ramificações dessas medidas de controle de cima para baixo excluíram os desejos das populações locais e implicaram consequências graves, já que as suas formas de subsistência dependiam exclusivamente da pesca. Com as crescentes dificuldades da agricultura

tradicional de arroz de mangal, devido aos impactos das mudanças climáticas, a ausência de alternativas por parte do governo nacional deixou as comunidades para trás.

5.2A pesca das mulheres

As mulheres são tradicionalmente os pescadores entre os Balantas e utilizam instrumentos de pesca semelhantes nas quatro aldeias. As mulheres fazem talha rio em todas as aldeias com rede de tenda e náilon. Observa-se um uso maior das tendas em Cafine (41% dos fogões) e muito menos em Cafal, Catesse, e Ilhéu do Melo. A importância do uso de redes de náilon é maior no Ilhéu do Melo, onde as mulheres utilizam para fazer talha rio, mas bastante menos importante nas restantes aldeias. As mulheres pescam sobretudo pequenas tilápias (“bentanas”), cacandja (=tipo de tainha com escamas grandes) ou djotto (*Pseudotolithus elongatus*) nas aldeias de Cafine/Cafal, enquanto no Ilhéu do Melo e Catesse elas apanham também mais tainhas (peixes da família Mugilidae). As mulheres pescam durante todo ano em todas as aldeias. No Ilhéu do Melo podemos constatar uma maior percentagem, embora baixa, dos fogões onde as mulheres pescam exclusivamente na estação seca, mas isso não é relevante nas restantes aldeias. Em Catesse, há menos mulheres que praticam a pesca devido à prática de hortaliça implementada pela ONG Tininguena. Pelo contrário, a pesca é uma atividade muito importante para as mulheres de Cafine e Cafal. As mulheres da aldeia de Cafine e Cafal não pescam em grupo, diferentemente do Ilhéu do Melo, onde as mulheres pescam em grupo, junto com os homens com a rede de tchas para a captura das tainhas. E observa-se que agamboa (Currundé) só é usada pelas mulheres em Cafine e em Catesse, mas não se usa em Ilhéu do Melo e Cafal.

5.3 A pesca dos homens

A pesca dos homens Balanta não era tradicional e foi aprendida em conjunto com os pescadores estrangeiros. Até podemos notar que são principalmente os Sossos que pescam em grupos com canoas de motor nas aldeias, a pesca é mais especializada em Catesse e Ilhéu do Melo. Também se nota que os homens Nalus pescam menos no Ilhéu do Melo. Também no Ilhéu do Melo, os homens pescam em grupo, junto com as mulheres usando a rede tchass. Os homens Balanta pescam principalmente com canoas de remar, sozinhos. Os homens pescam sobretudo com redes boiantes, rede tchasse linhas de anzois em todas as aldeias, mas a rede boiante é sobretudo usada no Ilhéu do Melo. Observa-se que os homens pescam mais todo ano em todas as aldeias, sobretudo em Ilhéu do Melo. Em Cafine e Cafal observa-se uma percentagem elevada de homens que não pescam, ao contrário de Catesse e Ilhéu do Melo. As

espécies-alvos são bentana, tainha e bagre em todas aldeias, mas sobretudo bentanano Ilhéu do Melo.

Do bom rendimento com a venda dos pescados observa-se a maior média em Catesse “87.000” CEFA em relação as outras aldeias. Do mau rendimento, se deteta Cafine/Cafal com a média muito inferior “16.000” CEFA em relação as outras aldeias. E da origem do capital dos pescadores para compra dos materiais, observa-se que muitos pescadores em todas essas aldeias têm a pesca como origem do capital para compra das matérias de pesca. Também se verifica que os homens se usam rede de fertcha em todas estas aldeias, mas mais frequente em Catesse. Semelhantemente se nota o uso de rede armadilha em todas as aldeias, com mais frequência em Cafine e Catesse, em relação a Cafal e Ilhéu do Melo.

Também se nota que há uma semelhança entre estas aldeias no que concerne ao uso de anzol de linha, mas com mais frequência em Cafal e Catesse em relação ao Cafine e Ilhéu do Melo. Ouso de gamboa (Curundé) pelos homens, em todas estas aldeias, é baixo, mas relativamente mais frequente em Cafine.

5.4 Biodiversidade, mudanças e ameaças

Os pescadores visam principalmente as seguintes espécie em todas as aldeias: bentana, tainha, djoto, djafal, barbo, becuda, bagre, curbina, corcor, cassapai, caúdo, cacandja e bica,mas há algumas diferenças notáveis entre elas. A bentanae a tainha destacam-se no Ilhéu do Melo em relaçãoa outras espécies.

Os pescadores reclamam existir uma drástica diminuição de peixe-espada em primeiro lugar e tubarão em segundo, não dando relevância a outras espécies mais comuns.

As razões por trás da mudança nas espécies de peixes permanecem desconhecidas para a maioria dos pescadores. Mas, em Ilhéu do Melo uma percentagem significativa dos pescadores enfatizou principalmente a pesca incontrollável e em segundo lugar o barulho de canoas a motor. Portanto, isso demonstra quetudo tem a ver com o facto da sobrepesca e da pesca ilegal por parte de frotas estrangeiras ocorrer no grande oceano Como demonstra Embaló (2021, p. 5), nos seus estudos “as causas das perdas constantes nas espécies e nos ecossistemas marinhos estão diretamente ligadas aos métodos e sistemas de pesca aplicadas na Guiné-Bissau: pesca de arrasto de peixes pelágicos, pesca de arrasto de peixes demersais”. Deste, também falou Carvalho et al. apud Dos Santos et al. (2012), nos seus estudos que nas Zonas Costeiras apesca encontra-se ameaçada por problemas ambientais e seus impactos e pressões antrópicas que alteram o equilíbrio ecológico e ambiental, a biodiversidade e a

abundância e distribuição das populações de peixes. Doutro lado falou Sá (2017), que outro ponto de atenção está nas práticas introduzidas pelos pescadores alóctones durante o processo de beneficiamento de pescado através da defumação, com o uso da vegetação de mangais como fonte de energia. Criando deste modo um risco imediato para a sobrevivência dos organismos e o desequilíbrio do ecossistema. Por último Kalioski (2006), apud Sá (2017), no seu estudo demonstrou que está cada vez mais claro que é extremamente importante a realização dos trabalhos que busquem as soluções para os problemas da pesca artesanal.

6. Conclusão

Quando iniciamos este trabalho de pesquisa constatamos alguns problemas ligados à pesca de mangal nas comunidades que não devem ser subestimados no contexto dos objetivos de desenvolvimento sustentável, pois que existe uma interligação entre a vida humana e o ambiente. Labutando para conservação podemos obter uma percepção valiosa e conhecimento local que aprimoram a eficácia das intervenções.

Por isso, era importante estudar a pesca artesanal de mangal através de uma perspectiva histórica nas seguintes aldeias: Cafine, Cafal, Catesse e Ilhéu do Melo com o objetivo geral de estudar a evolução da pesca artesanal e caracterizar a pesca masculina no Cubucaré, região de Tombali, Guiné-Bissau. Neste trabalho, constata-se que os nativos desta região já tinham muito antes praticado a pesca do mangal, embora numa forma não desenvolvida com os materiais simples, e as suas atividades de pesca eram resumidas ao consumo familiar. A partir de uma perspectiva histórica, podemos compreender que, os primeiros habitantes das quatro aldeias foram os Nalus, e vieram a ter as relações com os Balantas depois da sua migração de Norte para Sul. A pesca do mangal dos homens Balantas e Nalus evoluiu numa forma simples para complexa com a chegada dos pescadores estrangeiros vindo dos países vizinhos (Guiné-Conacri, Senegal, Serra Leoa). Também foram instalados acampamentos para comprar espécies específicas o que facilitava a venda.

No entanto, a situação tem-se alterado, numa forma drástica, causando impactos negativos nos recursos aquáticos, e nos ecossistemas de mangais, porque os estrangeiros praticavam a pesca numa forma abusiva e sem nenhum controle por parte das entidades locais. Eles cortavam os mangais numa forma irracional, não só para fumagem dos pescados, mas também para fazer os seus acampamentos. Embora a política se centrasse principalmente na ecologia dos mangais e dos peixes associados, os pescadores locais também nutrem nostalgia dos tempos passados, quando as interações com os pescadores estrangeiros tinham resultados positivos e negativos.

No entanto, o trabalho ainda é longo e árduo devido às capacidades nacionais limitadas, de modo que o aumento das capacidades de articulação e do controle do Estado neste sector não teve muita atenção por parte de sucessivos governos. A melhoria do bem-estar económico e social da população rural ainda não foi eficazmente atingida e poderá ser um caminho a seguir para garantir um futuro melhor, beneficiando a população rural e as gerações futuras da Guiné-Bissau.

7. Referências bibliográficas

BACARI FERNANDES CASSAMÁ, Joel. **Análise do Sector da Pesca Artesanal em Guiné-Bissau: Impactos e perspectivas.** DW 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184990>

BACARI FERNANDES CASSAMÁ, Joel. **Análise do Setor da Pesca Artesanal em Guiné-Bissau.** 2017. Monografia (Bacharel em Ciências Económicas) - curso de Ciências Económicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/184990/Monografia%20do%20Joel%20Cassam%c3%a1.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso no dia 17 de Setembro 2023.

BALDIN N. e tal. **Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve).** Revista (Mestrado em Educação Ambiental) -Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011.

BARRI, Iça. **Recursos Pesqueiros, Estuarinos e Marinhos da Guiné – Bissau.** 2008. Dissertação (Mestre em Ciências das Zonas Costeiras) -Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, Aveiro, 2008.

CIPA-Centro de Investigação Pesqueira Aplicada, DEZ. 2019. **Plano de gestão dos recursos haliêuticos para 2020.** Guiné-Bissau.

DARAME, Braima. **Actividade de Pesca na Guiné-Bissau só Beneficia o Senegal.** 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/atividade-de-pesca-na-guin%C3%A9-bissaus%C3%B3-beneficia-o-senegal-denuncia-associa%C3%A7%C3%A3o/a-61898655> Acessado no dia 16/08/2023. às 15h30. Acesso no dia 8 de Setembro 2023.

DJASSI, FredericoAmonique. **Acordo económico da Guiné-Bissau com a união europeia na área de pesca (2012 à 2020).** p. 24.TCC (Bacharel em Humanidades)- Curso da Humanidades- Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). São Francisco do Conde, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3590/1/2023-proj-fredericodjassi.pdf>. Acesso no dia 2 de Agosto 2023.

EMBALÓ, Lamine. **Pesca sustentável: Análise da sustentabilidade da política de pescas na Guiné-Bissau.** Outubro de 2021. Dissertação (Mestrado em Governação Sustentabilidade do Mar. Pela escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/24101/1/master-lamine-embalo.pdf> Acesso em: 16 Out. 2023.

FERNANDES M. R. **O informal e o artesanal: pescadores e revendedeira de peixe na Guiné-Bissau. Fronteiras pós-coloniais: rigidez, heterogeneidade e mobilidade.** 275

f.Tese (Doutoramento em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/23327>. 2012. Acesso em 26 Dez. 2023.

FERNANDES, M. R. **paisagens, pescas e pescadores no litoral da Guiné-Bissau**. 2014. RILP-Revista Internacionalem Língua Portuguesa – nº 27-Acesso em: 26 Dez. 2023.

FERNANDES, Raul Mendes. **O Informal e o Artesanal: Pescadores e Revendedeiras de peixe na Guiné-Bissau**. 2012. Tese (Doutoramento em Sociologia) – Curso de Pós-Colonialismos e Cidadania Global, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

GUINÉ-BISSAU. **Direção geral das pescas artesanal (DGPA)**. Bissau, 2017.

GUINÉ-BISSAU. **Plano estratégico de desenvolvimento das pescas da Guiné-Bissau (2015 – 2020)**. Bissau, Outubro, 2014.

INTCHAMA, Jeremias Francisco e ARAÚJO, Rogério César Pereira. **Análise da produção e economia do sector pesqueiro de Guiné-Bissau, costa ocidental da África**. Congresso sobre sociedade Brasileira da Economia administração e economia rural, 48º, 2009, Campo Grande. Desenvolvimento Rural, Territorial e regional. 2010, p.2-19 Disponível em: <https://repositório.ufc.br/handle/riufc/3705> Acesso no dia 10 de Novembro 2023.

Kébé, M., J.Gallène e D.Thiam.- **Revista sectorial da pesca artesanal na Guiné-Bissau**. Programa de Desenvolvimento Integrado das Pescas Artesanais na África Ocidental (DIPA). 32 p. + anexos, DIPA/WP/46, Junho de 1993.Disponível em: <https://www.fao.org/3/an086pt/an086pt.pdf>. Acesso no dia 20 de Nov. 2023.

MONTEIRO, Ivanilson Dinis Geraldo. **Cooperação para desenvolvimento e apropriação dos recursos naturais: Guiné-Bissau e união europeia**. Discente de Graduação em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira – Unilab. 2017.

NÓBREGA, A. **A Luta pelo poder na Guiné-Bissau**. Lisboa: instituto superior de ciências sociais e políticas. Editor: Instituto Superior de Ciências Sociais e políticas. Lisboa, Jan.2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/371031221>. Acesso em: 3 Nov. 2023.

RITH, Ttchoge. **Guiné-Bissau: Um pouco da cultura balanta**. Blog Intelectuais Balantas na Diáspora. 2013. Disponível em: <https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/guine-bissau-um-pouco-da-cultura-balanta>. Acesso no dia 7 de Dez. de 2023.

SÁ, Geny Gil. **Pesca artesanal na bacia do rio buba, Guiné-Bissau/África: uma abordagem multidimensional**. 2017. Tese (Doutoramento em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Out. 2017.

TAVARES DE PINHO, A. - **Propostas para a regulamentação da pesca artesanal na Guiné-Bissau (Projecto de regulamento relativo à pesca artesanal)** ~ Projecto GCP/RAF/302/EEC Melhoria do quadro jurídico para a cooperação, o ordenamento e o desenvolvimento haliêutico dos Estados costeiros de: África do oeste, 23 páginas, Fevereiro de 1996, Documento Nº 36.

TE, Gualdino Afonso. **Pescarias Industriais De Arrasto Na Plataforma Continental Da Guiné-Bissau**. Repositório. ufc.br, 2005).

TÉ, Gualdino Afonso. **Pescarias industriais de arrasto na plataforma continental da Guiné-Bissau**. 2005. 76 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Marinhas Tropicais) - Instituto de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4928>. Acesso em 15 de Novembro 2023.

TEMUDO, Marina Padrão. **A narrativa da degradação ambiental no Sul da Guiné-Bissau: uma desconstrução etnográfica**, Lisboa, vol. 13. 1 Nov 2009. p .237-264. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1341>. Acesso em: 18 Out. 2023.

8. Anexos

8.1 Questionários

8.1.1. Perguntas sobre a história do Ilhéu de Melo

- 1 Antes do tempo de cólon apanhavam peixes para vender? Sim__ Não__
 - 2 Os Nalus já pescavam antes dos Balantas na Ilha? Sim__ Não__
 - 3 Se sim, eram os homens ou as mulheres Nalu que pescavam? Homens__ Mulheres__
 - 4 Como eles / elas pescavam
-
- 5 Para que serviu a pesca dos Nalus? Venda__ Troca (produto?)_____ Consumo familiar__
 - 6 Quem começou a pescar para vender? Nalus_____ Balantas_____
 - 7 Quando começaram a pescar na Ilha do melo para vender?
- Tempo de Nino (1980) __ Depois 1ª eleição (Nino contra Kumba1994) __ Depois de 7 Junho 1998__ Depois de morte Nino ku Tagme (2009)__ Depois de golpe contra Cadogo 2012__ Durante tempo de JOMAV (2014-2020)__ Tempo de Sissoco _____
- 8 Porque eles começaram a pescar para vender?
 - 9 Quem começou a pescar para vender com os estrangeiros? Nalus / Balantas
 - 10 Os estrangeiros eram de qual país(es)?
 - 11 Foram os mais velhos ou os jovens que pescavam com eles?
 - 12 Qual era a relação da população local com os pescadores estrangeiros?
 - 13 Durante os acampamentos dos estrangeiros, quais vantagens tinha a população local?
 - 14 Quais desvantagens tinham?
 - 15 Durante o tempo dos acampamentos, os recursos aquáticos diminuem? Sim/Não
 - 16 Porquê?
 - 17 Os Coreanos vem no qual ano na Ilha? _____
 - 18 O que eles compravam? Só Djotto__ Djotto e outros peixes__ Outros:
 - 19 Como era a relação com eles? Bem____ (alguns) conflitos__ Mal____
 - 20 Porquê?
 - 21 No qual ano os coreanos saíram da Ilha?
 - 22 Porquê?
 - 22 Qual era a consequência na vida da população local?
 - 23 O que pensam que pode melhorar a vida das pessoas na ilha?

8.1.2. Questionário de fogão

Nome	Bairro/ Morança	Quem pesca no fogão?				
		Homem	Mulher	Rapaz	Badjudá	Criança

Pesca das mulheres								
Rede redonda	Tenda	Talha rio (Nailon)	Bentana	Tainha	Cacandja	Djotto	Tempo Seco	Tempo das Chuvas

Pesca dos homens								
Canoa	Rede Boianti	Rede Tchás	Rede Ferxta	Armadilha	Anzol + linha	Gamboá (Curundé)	Tempo Seco	Tempo das Chuvas

8.1.3. Questionário individual (pesca masculina)

Tabanca		Idade	
Fogão		Data	
Género (M/F)		Educação	
Etnia		Chefe do fogão	

1. Qual foi a origem do seu capital para comprar o equipamento de pesca?

1. Projeto
2. Pesca
3. Labra
4. Remessas de parentes
5. Crédito/empréstimo
6. Emprego
7. Trabalho ocasional, por exemplo na pesca industrial ou campanha de caju
8. Outros:

2. Qual foi a quantidade e o valor do peixe pescado em cada uma das artes de pesca?

Quantidade de semana com bom rendimento (Kg/munto)	Quantidade de semana com mal rendimento (Kg/munto)

3. Quais são os espécies mais capturados?

1. Bentana;
2. Tainha;
3. Barbo;
4. Djotto;
5. Pis sapato;
6. Curbina;
7. Becuda;
8. Bagre;
9. Djafal;
10. Sardinha;
11. Pis raia;
12. Pis caudo;
13. Corcor;
14. Outros

4. Suas capturas e composição de peixes mudaram nas últimas duas décadas (após 7 de junho)?

5. Se sim, quais são as razões? (pui X):

Mudanças na gestão: Números de Pescadores locais: Intrusão Pescadores estrangeira: Mais canoas de motor: Usa de equipamento de pesca mais avançado: Outros:

6. A pesca é a atividade económica mais importante para seu fogão? Se não, qual é?

7. Quais são as espécies de peixes predominantes nos últimos 20 anos (após 7 de Junho)?

8. Notou alguma diferencia de quantidade do pescado nos últimos anos? Se sim, desde quando?

9. Alguma espécie de peixe desapareceu? Desde quando?

10. O que provocou este desaparecimento?

8.2 Fotos do trabalho no terreno



Foto 1. Rede boiante, Ilhéu do Melo



Foto 2. Pescadora com rede redonda, Ilhéu do Melo



Foto 3. Pescadora com talha rio, Cafine



Foto 4. Pescador com palangre, Cafine



Foto 5. Pesca de tainha em grupo com rede tchass, Ilha do Melo



Foto 6. Acampamentos dos pescadores estrangeiros na ilha do Melo